



Organização  
das Nações Unidas  
para a Educação,  
a Ciência e a Cultura

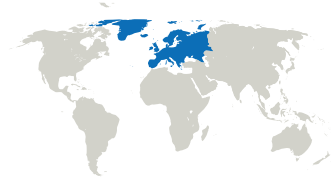


# Alfabeto da esperança





Organização  
das Nações Unidas  
para a Educação,  
a Ciência e a Cultura



Brasília, fevereiro de 2009

©2009 Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO)  
Título original: The alphabet of hope: writers for literacy. Paris: UNESCO, 2007.

Coordenação: Martina Simeti

Tradução: Vera Sarmento e Catarina Eleonora Silva

Revisão: Rejane Maria Lobo e Jeanne Sawaya

Capa e projeto gráfico: Edson Fogaça

Alfabeto da esperança: escritores pela alfabetização. – Brasília: UNESCO, 2009.  
108 p.

Título original: The alphabet of hope: writers for literacy  
ISBN: 978-85-7652-087-0

1. Alfabetização 2. Antologias 3. Contos

CDD 808.8



Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura  
Representação no Brasil  
SAS, Quadra 5, Bloco H, Lote 6, Ed. CNPq/IBICT/UNESCO, 9º andar  
70070-914 - Brasília - DF - Brasil  
Tel.: (55 61) 2106-3500  
Fax: (55 61) 3322-4261  
E-mail: [grupoeditorial@unesco.org.br](mailto:grupoeditorial@unesco.org.br)

Os autores são responsáveis pela escolha e apresentação dos fatos contidos neste livro e pelas opiniões aqui expressas, que não são, necessariamente, aquelas da UNESCO e não comprometem a Organização.

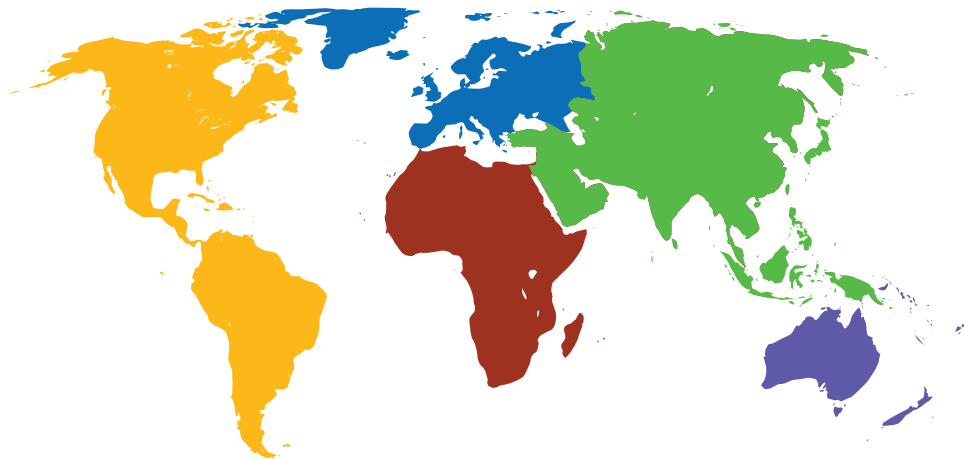
As designações empregadas e a apresentação do material em toda a publicação não implicam na expressão de qualquer opinião, seja qual for, por parte da UNESCO, em relação à situação legal de qualquer país, território, cidade ou área, ou de suas autoridades, ou concernentes à delimitação de suas fronteiras ou limites territoriais.



Organização  
das Nações Unidas  
para a Educação,  
a Ciência e a Cultura



# Alfabeto da esperança



ESCRITORES  
PELA  
ALFABETIZAÇÃO

A presente publicação reúne pequenos textos de alguns escritores internacionalmente famosos e foi oferecida pela UNESCO por ocasião do Dia Internacional da Alfabetização de 2007. Os textos de João Ubaldo Ribeiro e Cristovam Buarque foram acrescentados na versão brasileira.

A poedeira de sonhos

© Wei-Wei, 2007

O poder das palavras

© Banana Yoshimoto, 2007

Para um escritor jovem

© Francisco Sionil José, 2006

O valor das palavras

© Marc Lévy, 2007

Chekhov no banco

© Miklós Vámos, 2007

A imagem e a palavra

© Nadine Gordimer, 2005

Estou indo para a escola

© Wole Soyinka, 1981. Extraído de

Ake: the years of childhood, Rex Collings

Ler em países dominados

© Abdourahman A. Waberi, 2007

O professor primário

© Fatou Diome, 2003. Extraído de

Le ventre de l'Atlantique, Editions Anne Carrière

Mulher pobre aprende a escrever

© Margaret Atwood, 2007. Extraído de

The Door, McClelland & Stewart

Filha de alguém

© Margaret Atwood, 2007, O.W. Toad Ltd.

Lendo com Flaubert

© Paul Auster, 2004. Extraído de

Moon Palace, Faber & Faber

O momento em que a mão se abre

© Paulo Coelho, 2005

As alegrias de ler

© Cristovam Buarque, 2008

Como Pinocchio aprendeu a ler

© Alberto Manguel, Guillermo Schavélzon & Asoc.

Agencia Literaria

Memória de livros

© João Ubaldo Ribeiro, 1995. Extraído de

Um brasileiro em Berlim, Nova Fronteira

## S U M Á R I O

PREFÁCIO .....	7
APRESENTAÇÃO .....	9
A POEDEIRA DE SONHOS - WEI-WEI.....	14
O PODER DAS PALAVRAS - BANANA YOSHIMOTO .....	20
PARA UM ESCRITOR JOVEM - FRANCISCO SIONIL JOSÉ .....	24
O VALOR DAS PALAVRAS - MARC LÉVY .....	28
CHEKHOV NO BANCO - MIKLÓS VAMÓS .....	32
A IMAGEM E A PALAVRA - NADINE GORDIMER .....	44
ESTOU INDO PARA A ESCOLA - WOLE SOYINKA .....	50
LER EM PAÍSES DOMINADOS - ABDOURAHMAN A. WABERI .....	54
O PROFESSOR PRIMÁRIO - FATOU DIOME .....	58
MULHER POBRE APRENDE A ESCREVER - MARGARET ATWOOD.....	64
LENDO COM FLAUBERT - PAUL AUSTER.....	72
O MOMENTO EM QUE A MÃO SE ABRE - PAULO COELHO .....	78
AS ALEGRIAS DE LER - CRISTOVAM BUARQUE .....	84
COMO PINOCCHIO APRENDEU A LER - ALBERTO MANGUEL.....	88
MEMÓRIA DE LIVROS - JOÃO UBALDO RIBEIRO .....	100

## P R E F Á C I O

Este livro é parte da Iniciativa Escritores pela Alfabetização, promovida pela UNESCO no âmbito da Década das Nações Unidas para a Alfabetização (2003-2012) com o objetivo de defender a idéia de Alfabetização para Todos e desenvolver um ambiente sustentável de alfabetização.

O desafio é global: estima-se que 776 milhões de adultos, ou 16% da população adulta mundial, não possuem as habilidades básicas de leitura e escrita necessárias para sua participação integral na sociedade e aproximadamente dois terços deles são mulheres. A menos que as tendências atuais mudem, mais de 700 milhões de adultos ainda não saberão ler ou escrever em 2015. O acesso a materiais de leitura, publicações apropriadas e bibliotecas é inadequado, dificultando o desenvolvimento cotidiano das habilidades de leitura e escrita das pessoas recém-alfabetizadas ou cujas habilidades de leitura e escrita são pouco desenvolvidas.

Este volume reúne uma coleção de textos curtos de mestres contemporâneos da palavra escrita que capturam as possibilidades ilimitadas do uso das habilidades de leitura e escrita. Várias práticas de alfabetização são apresentadas nesses textos inspiradores. Em conjunto,

eles refletem a pluralidade da noção de “alfabetização” no mundo complexo de hoje, onde as pessoas adquirem e usam habilidades de leitura e escrita para diferentes propósitos em uma ampla gama de contextos, todos formados por cultura, história, língua, religião e condições socioeconômicas.

O Alfabeto da Esperança é oferecido pela UNESCO a leitores lusófonos de todas as idades por ocasião da VI Conferência Internacional sobre Educação de Adultos (CONFITEA VI, 19 a 22 de maio de 2009, Belém, Brasil). A UNESCO é grata aos autores que uniram suas vozes em favor da conscientização e do entendimento dos desafios de hoje na área de alfabetização.

Ajamos agora, juntos, para construir um mundo alfabetizado, compartilhando tanto os benefícios quanto os prazeres proporcionados pela alfabetização.

Koïchiro Matsuura

Diretor-Geral da UNESCO



## A P R E S E N T A Ç Ã O

Este livro foi pensado para ser um porta-voz do significado e do alcance da escrita e da leitura na vida das pessoas. Apesar de todos os esforços, inclusive os que a UNESCO e a comunidade internacional empreendem, ainda existem no mundo 776 milhões de homens e mulheres de todas as culturas e idades para os quais o direito humano ao tesouro do alfabeto ainda se mostra distante, malgrado a possibilidade concreta de exercê-lo plenamente.

Para atingir esse objetivo, isto é, para sensibilizar mentes e governos, a UNESCO reuniu nesta publicação pequenos e profundos relatos de esperanças. Os autores são figuras expressivas da sabedoria universal que, por diversos ângulos e manifestações da subjetividade, desvelam a dimensão existencial da alegria de ler e de escrever.

Um dos exemplos marcantes da amplitude do alfabeto pode ser visto no texto *A poedeira de sonhos*, da chinesa Wei Wei. A personagem Hou Xialian, depois de ter conseguido escrever as primeiras cartas para seus filhos aos 60 anos de idade e de ler diariamente o jornal, tinha a sensação de ter aberto uma nova janela em sua vida, não havendo mais necessidade de percorrer o mundo para saber o que estava acontecendo.

Lamentavelmente, milhões de pessoas não receberam as ferramentas para abrir essa janela para o mundo e, assim, poder vê-lo com os próprios olhos. Falta-lhes ainda a consciência de que os direitos humanos configuram-se de fato como um compromisso de todos e de todas as nações. Porém, essa utopia está longe de universalizar-se, talvez pela insensibilidade dos que podem e deixam de fazê-lo por tantos e contraditórios argumentos.

É difícil aceitar que, dispondo o mundo hoje de todas as condições para fazer da cidadania um espaço comum, subtraí-se a milhões o direito à alfabetização, começo do acesso à educação ao longo da vida, que humaniza e dota a vida de um novo sentido.

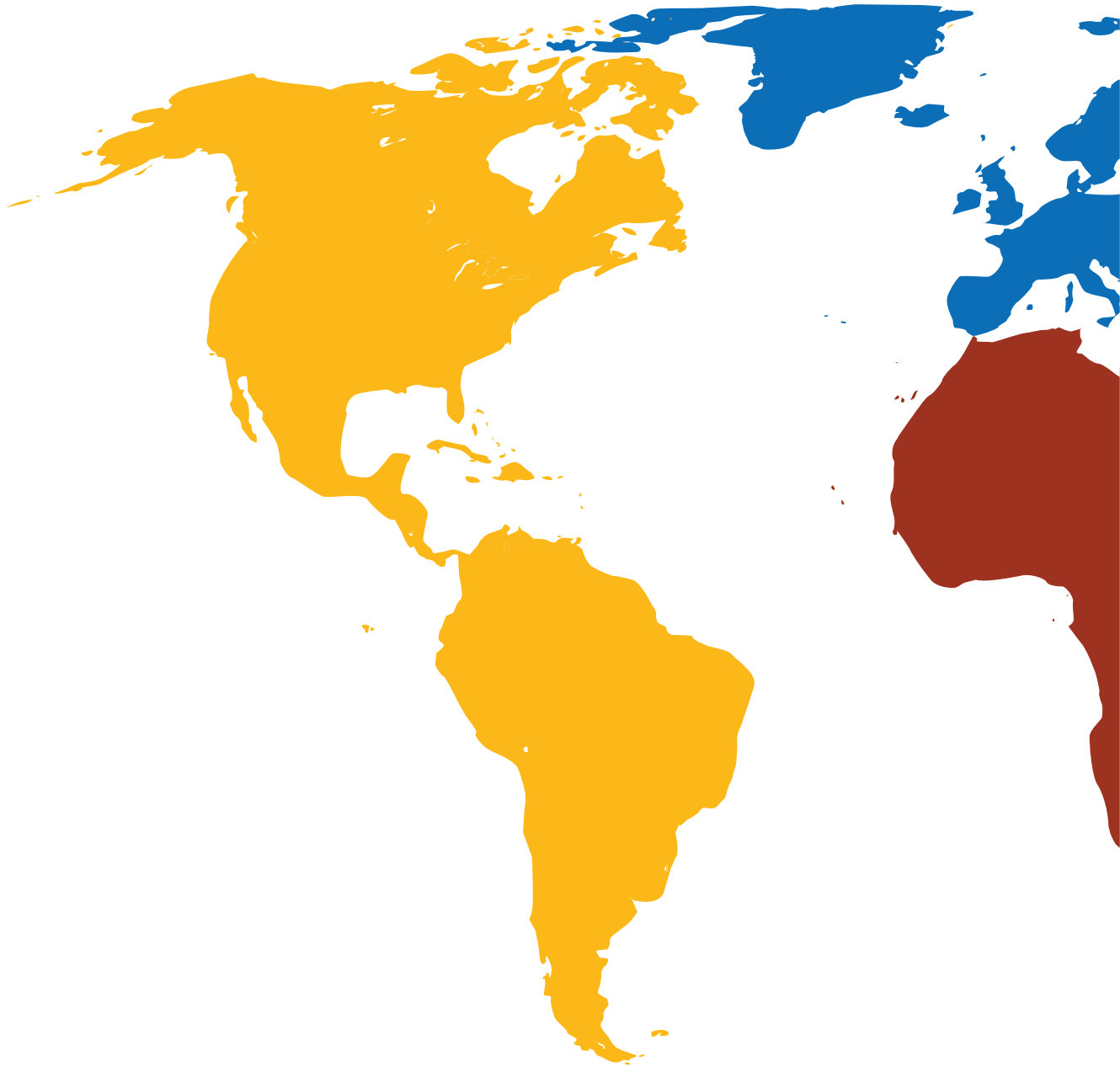
Como adverte Marc Lévy em seu texto, nenhuma democracia sobrevive por muito tempo ao empobrecimento de sua linguagem. Só as ditaduras temem o poder das palavras, que são, sem dúvida, o fundamento de todas as culturas. “Quero aprender a ler e a escrever para deixar de ser a sombra dos outros”, disse um aluno de Paulo Freire no começo dos anos 60 do século passado. Ao falar assim, ele começava a ter consciência de que o processo de alfabetização liberta e indica caminhos para a emancipação.

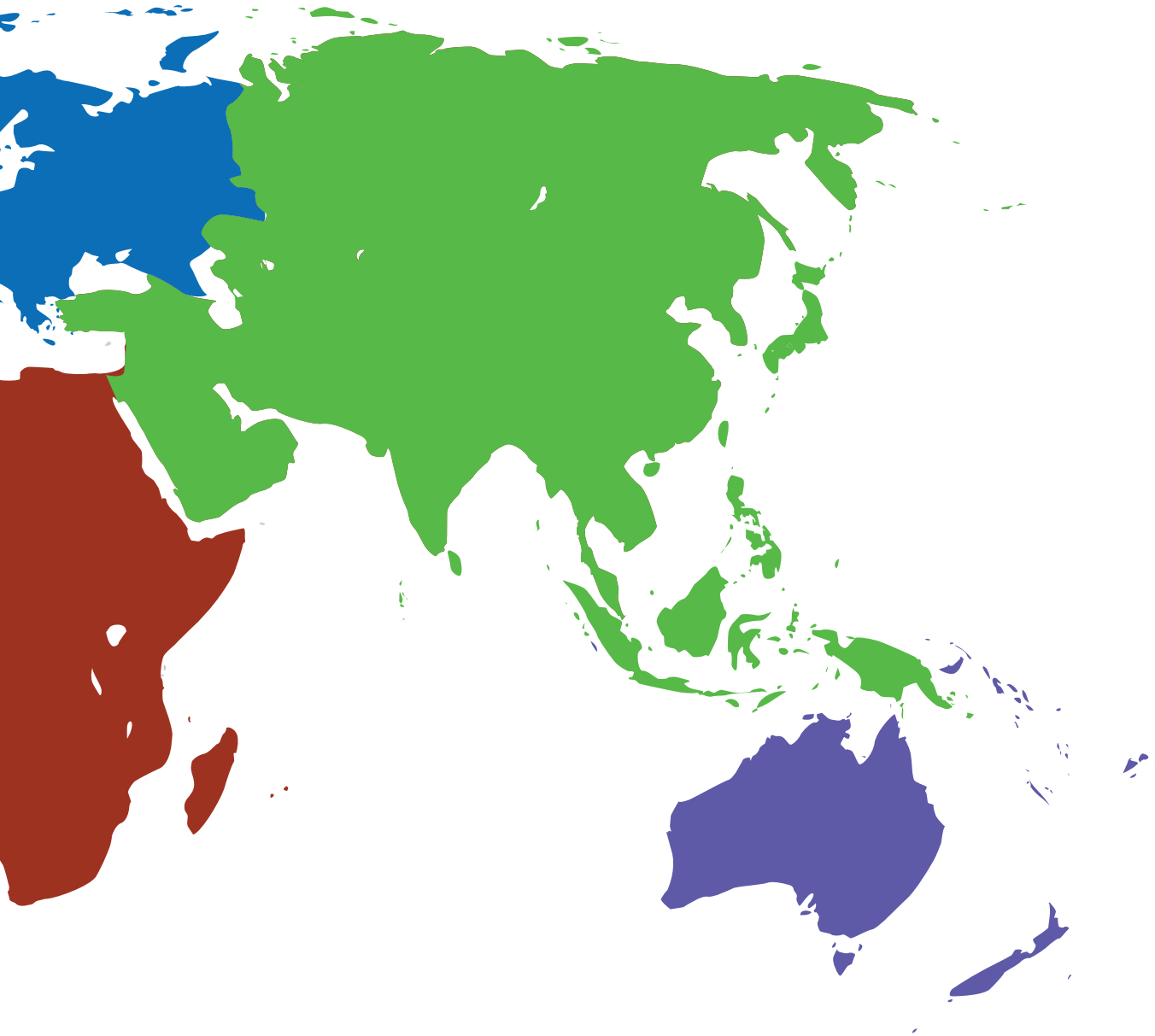
O Brasil será a sede, em 2009, da VI Conferência Internacional de Educação de Adultos (CONFITEA), um grande evento que a UNESCO realiza a cada 12 anos para examinar avanços e retrocessos e discutir novas estratégias. Líderes, dirigentes, estudiosos e militantes do combate ao analfabetismo de todas as partes do mundo estarão em Belém do Pará, apresentando e discutindo teses e propostas para dar um novo impulso à educação de jovens e adultos e renovar as esperanças em tempos mais promissores.

Tem-se a expectativa de que o Brasil, sob a inspiração do impacto dessa Conferência, não apenas continue seus esforços de inclusão educacional, mas se transforme em um dos principais líderes em direção à possibilidade de permitir a todos a “navegação infinita pela palavra”, para usar a expressão de João Ubaldo Ribeiro.

Vincent Defourny

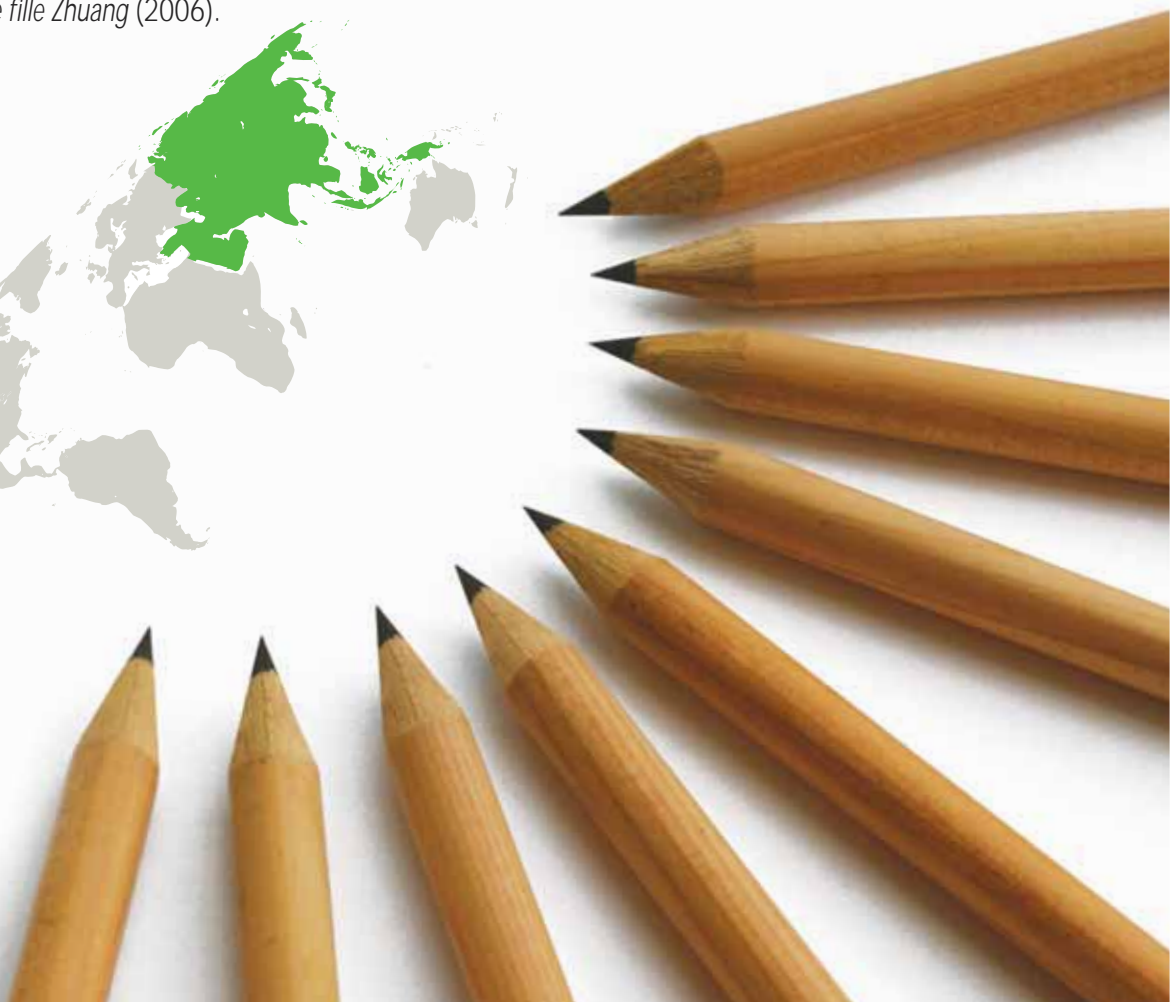
Representante da UNESCO no Brasil





# CHINA

**WEI-WEI** nasceu na China em 1957. Após ter estudado francês, passou um tempo em Paris, depois foi para Manchester, onde vive atualmente. Escreve em francês e publicou *La couleur du bonheur* (1996), *Le Yangtsé sacrifié* (1997), *Fleurs de Chine* (2001), *Une fille Zhuang* (2006).



## A POEDEIRA DE SONHOS

Meu nome? Hou Xialian.

Minha idade? Sessenta e sete anos desde a última florada das ameixeiras.

Minha aldeia? Weijiachun, na província de Liaoning, próximo à Mongólia interior, no norte da China.

Meus vizinhos me chamam *Hou Daxue*, Hou, a universitária, mas eu nunca fui à universidade. Nunca estudei, estudos superior ou primário. Meus pais eram muito pobres para poder me mandar para a escola. Por que então esse apelido? Bem, porque...

Tudo começou na primavera de 1957, quando me casei com Zhenming. Não, não foi um casamento arranjado, fui eu que o escolhi. De todos os rapazes que naquela época me cortejavam, Zhenming nem era o mais bonito nem o mais rico, mas possuía algo que eu não tinha: ele sabia ler!

Meu sonho, eu lhe contei na nossa noite de núpcias, era mandar todos os nossos filhos à escola, e dar a eles a oportunidade de construir um futuro melhor...

Ele sorriu: "Quantos filhos você quer?"

Deitei minha cabeça no seu ombro: "Um bom punhado."

Eles não demoraram a chegar: Wenjie nasceu depois do ano novo de 1958 e Liyin, no ano seguinte. Depois tivemos Wenshan, Lihua, Liyue e Lining. No total, dois meninos e quatro meninas.

Zhenming era professor primário. Morava na escola onde ensinava e só voltava para casa nas férias escolares. Eu tinha, então, que fazer todo o trabalho sozinha: a lavoura, a comida, a limpeza da casa... Sendo nossa casa bem pequena, pensei em dotá-la de uma sala de estudos para que as crianças pudessem ter um espaço somente delas.

Faltava dinheiro para pagar o material de construção e os trabalhadores? Durante o inverno, quando não havia trabalho na lavoura, eu ia para a montanha e trazia nas costas pedras que havia arrancado, pedaço por pedaço. Em seguida, com a ajuda de uma forma de madeira que havia tomado emprestada do meu cunhado, fazia tijolos de argila que deixava secar ao sol...

As mesas? Nada mais simples, meu marido as confeccionou com caixas de madeira recolhidas em lojas. Uma mesa por criança, decorada com desenhos que eu havia recortado em papel vermelho: cachorro, coelho, gato, ganso, galo e veado. Quando eles entraram pela primeira vez na sala... Ah! Quatro décadas depois, ainda guardo os gritos de alegria em meus ouvidos. Ainda vejo seus pequenos rostos radiantes.

Wenjie e Liyin, primeiro, Wenshan e Lihua, em seguida, Liyue e Lining, por fim, todos foram para a escola. As despesas com estudo, o material escolar e os livros, multiplicados por seis, custavam os olhos da cara. Tínhamos somente 35 quilos de cereais por boca por ano. Era apenas o suficiente para comer duas vezes por dia, entre o amanhecer e o pôr do sol. Como dar conta?

Próximo à aldeia havia um bosque de pinheiros, e mais longe, a estepe. Quando meus filhos ainda eram pequenos eu ia sozinha colher cogumelos e cortar ervas. Quando ficaram maiores, eles vinham comigo. As ervas, uma vez secas, eram vendidas por seis yuans cada 100 quilos e os cogumelos secos, mais lucrativos, atingiam dois yuans o quilo.

Todos os seis eram formidáveis. Os grandes cuidavam dos pequenos, os pequenos ajudavam os grandes. Usavam roupas remendadas, andavam descalços, comiam tortilhas de milho com cebola, faziam os deveres em cadernos que eles mesmos confeccionavam com jornal velho reciclado, escreviam com tocos de lápis que os outros não queriam mais e que encompridavam amarrando-os a uma vareta, mas a cada ano me traziam excelentes boletins.



Eu ficava tão orgulhosa deles!

É claro que havia momentos muito difíceis, dias de dúvidas e de total esgotamento físico... Porém, logo eu reagia e me agarrava com meus vinte dedos a meu sonho: não posso abandonar meus filhos; não importa o que aconteça, é preciso continuar. Meu sonho fazia meus filhos sonharem e o sonho deles alimentava o meu.

No verão de 1978, Wenjie prestou vestibular. Uma amiga me emprestou dez ovos e um quilo e meio de farinha de trigo. No primeiro dia de prova, fiz para meu filho uma grande tigela de macarrão.

À noite, quando voltou, cochichou no meu ouvido:

– Mamãe, não comi teu macarrão à toa.

No dia seguinte, preparei para ele panquecas.

Ele chegou por volta das seis horas da tarde com um sorriso nos lábios:

– Mamãe, tampouco comi tuas panquecas à toa.

No terceiro dia, fiz para ele raviolis.

Quando o sol tocou o horizonte, ele entrou porta adentro gritando:

– Mamãe, não comi teus raviolis à toa!

Meus olhos se encheram de lágrimas. Soube que ele havia conseguido.

Dois meses depois, chegou uma carta. Ele havia sido selecionado para a Universidade de Pequim.

Após a partida de Wenjie, a vida no povoado ficou ainda mais difícil. Vendemos tudo para pagar a sua viagem<sup>1</sup>. As despesas com estudo para as outras crianças atingiam agora mais de dois mil yuans por ano. Uma soma astronômica para nós – nossa renda anual não ultrapassava 300 yuans. Não demorou muito para estarmos cobertos de dívidas. Os vizinhos fugiam correndo quando me viam de longe, como se eu fosse uma leprosa, do medo que tinham que eu outra vez lhes pedisse dinheiro emprestado. Eles também eram pobres, mas não teriam tido a coragem de me dizer não.

1. Na época, o governo fornecia alojamento e alimentação aos estudantes de nível superior.



É preciso encontrar outra solução, repetia para mim mesma, desesperada, um meio de ganhar mais dinheiro, o mais rápido possível.

Foi então que o governo decidiu dissolver as comunidades populares agrícolas e as terras foram redistribuídas para os camponeses. Antes, os camponeses trabalhavam coletivamente e dividiam a colheita. Foi a época da grande marmita. Não fazia diferença se você trabalhasse bem, trabalhasse mal, trabalhasse muito, trabalhasse menos, você recebia a mesma coisa na tigela. Daí em diante, com a marmita coletiva quebrada, cada um passou a dispor de seu pedaço de terra, decidir o que plantar, vender o excedente de sua produção no mercado livre. Melhor ainda, éramos livres para fazer o que quiséssemos. Os mais espertos se lançaram no comércio, no artesanato, nos transportes de curta distância; outros foram para a cidade vender a força de seus braços nos canteiros de obras. Quanto a mim, me lancei em uma pequena criação, começando com 84 pintinhos.

Em cinco anos saldamos todas as nossas dívidas.

No verão de 1990, minha filha caçula conseguiu uma vaga na Faculdade de Medicina de Liaoning. Antes dela, Lyin tinha ido para a Escola de Engenharia do Nordeste; Wenshan para a Escola de Engenharia de Pequim; Lihua para a Escola Normal de Fuxin e Liyue para a Escola de Finanças.

A casa de repente havia ficado tão grande, tão vazia. O silêncio da solidão me tirava o fôlego. Era estranho. Minha calma habitual parecia ter-me abandonado. Ia de um quarto ao outro, pano na mão, mas tudo estava brilhando, impecavelmente limpo. Buscava minha cesta de costura, mas um minuto depois espetava o dedo e deixava cair a agulha. Impossível me concentrar em qualquer coisa. Às vezes passava longos momentos sentada na beira da cama a olhar minhas mãos curtidas, enrugadas, cobertas de calos, deformadas pelo reumatismo. Às vezes ia até a entrada da aldeia, me sentava sobre uma pedra e lá ficava até escurecer. Sentia-me inútil, desgastada até os ossos.

Um dia o carteiro me trouxe uma carta de Wenjie. Leu-a para mim. Como gostaria que ele a lesse uma segunda, uma terceira vez! Mas não ousei pedir-lhe. Ele tinha que entregar o correio a outros moradores da aldeia.

Após ter acompanhado o carteiro até a porta, voltei para o quarto, com os dedos crispados na carta de meu filho. Passaram-se longos minutos, eu me olhando no espelho: rosto anguloso, olhar atormentado, cabelos sal e pimenta. Você envelheceu, eu suspirava. De repente uma idéia atravessou minha mente tal como um raio: mas... por que você não aprende a ler?

Aprender a ler! Aos 52 anos! Fácil de dizer, difícil de fazer. Porém, o desejo era muito forte. Era como um chamado vindo do mais profundo de mim mesma, imperativo, irresistível.

Tirei das caixas os velhos manuais dos meus filhos. Copiei traço por traço as palavras comuns em pequenos quadrados de papel que coleí na mesa, no banco, na cama, na enxada, no ancinho, no chapéu de palha, no bule, na cesta de costura, no pote de sal, na garrafa de molho de soja... Quando encontrava palavras novas, perguntava aos estudantes da aldeia. Cinco caracteres por dia, três frases por semana, um texto por mês...

Na véspera do ano novo de 1999 escrevi seis cartas, as primeiras da minha vida, para cada um dos meus seis filhos. Acabava de completar 60 anos.

Que fazem eles hoje? Engenheiros, professores, médico.... Sim, eles querem que eu vá viver com eles, mas como poderia eu deixar minha aldeia? Passei minha vida aqui. Tenho minhas terras, minha casa, minha criação, minhas amigas, meu marido que (enfim!) aposentado me ajuda a cuidar das galinhas. Fiz a assinatura do *Jornal de Liaoning* há alguns anos. É como uma nova janela aberta na minha vida: não preciso percorrer o mundo para saber o que está acontecendo!

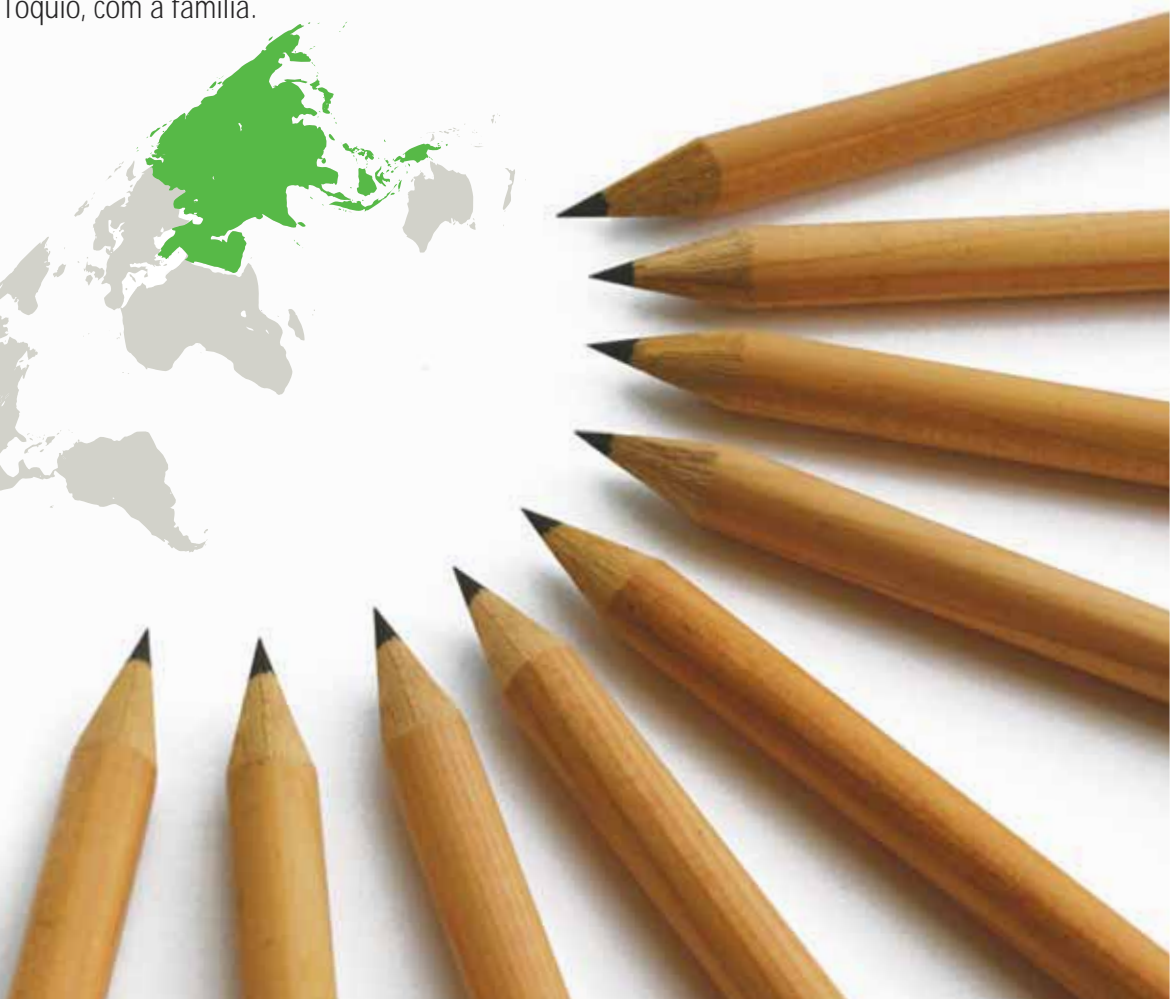
Às vezes algum vizinho vem me visitar com uma carta, recebida dos filhos que estão trabalhando na cidade. Ofereço-lhes chá, abro a carta que leio em voz alta, parando de vez em quando para explicar-lhes uma palavra ou uma frase que lhes escapa... Escrevo as respostas e os envelopes para eles também.

O quê? Você prefere me chamar de Hou, a poedeira de sonhos? Ah! ah! ah!... apenas acreditei no que era possível...



# JAPÃO

**BANANA YOSHIMOTO** nasceu em 1964. É a autora de *Kitchen*; *N.P.*, *Amrita*, *Asleep*, *Goodbye*, *Tsugumi*, e *Hardboiled & Hard Luck*. Suas obras foram traduzidas e publicadas em mais de vinte países. Seus livros receberam numerosos prêmios literários no mundo inteiro. Vive em Tóquio, com a família.



Certa vez saí de viagem com uma amiga, cuja mãe morrera recentemente. Ela chorava todas as noites durante nossa estada no chalé, numa das ilhas do sul. Claro que eu tentava consolá-la e depois até conseguia fazê-la sorrir. Mas não havia nada que eu pudesse fazer por ela. Sentia-me impotente. Quando saíamos de nosso chalé durante o dia para caminhar na praia, havia sempre uma mãe japonesa com a filha caminhando por lá. A sincronicidade das duas era terrível. A mulher, acabando de entrar na velhice, e a filha, no final da casa dos vinte, caminhavam ao longo da praia como melhores amigas. A cada vez que minha amiga as via, seus olhos se enchiam de lágrimas. Até poucos anos antes ela e sua mãe tinham sido assim também. Tinham feito viagens ao exterior juntas, discutido e partilhado refeições deliciosas, e ido às compras. Vê-la tão triste me cortava mais ainda o coração porque eu sabia disso. Mas, ainda assim, não havia nada que eu pudesse fazer por ela.

Uma noite, quando eu começava a ceder sob a pressão de ser incapaz de ajudar, depois de minha amiga ter dormido – de exaustão por ter chorado muito, ou talvez por ter lutado tanto para impedir-se de chorar – encontrei-me incapaz de pegar no sono e, assim, comecei a ler um romance de mistério que pegara emprestado com ela. A história, que girava em torno de um detetive não muito brilhante, era incrivelmente sombria. Assim mesmo, duvido que outro livro qualquer pudesse me reconfortar tão perfeitamente naquele momento como aquele o fizera. O mundo criado pelo livro foi capaz de abrir espaço para meu coração desolado e solitário, sem lugar algum para ir – de tomar conta dele e lhe dar prazer.

Tenho outra história como esta. Quando se está viajando em grupo, alguém sempre arranja uma briga. Certa vez, quando estava viajando numa pequena embarcação claustrofóbica no

Egito, sem lugar algum para onde poder escapar, e a atmosfera começou a ficar pesada demais, simplesmente mergulhei por completo numa espécie de romance popular de ficção de Ryu Murakami que um amigo me emprestara e, antes de eu perceber, a sensação sufocante de abafamento havia desaparecido. O livro, que dificilmente poderá ser incluído na lista das melhores obras desse autor, salvava-me. Não sei, mas talvez se eu estivesse no Japão não o teria lido com tanta atenção quanto o fiz. Mas me recordo que ali, durante a viagem, a prosa de tirar o fôlego que Ryu escreve, pareceu cair direitinho dentro de mim.

É possível que a habilidade de ler alguma coisa que foi escrita, de ler um livro, digamos, possa apenas abrir o mundo nessa medida – fazer as pequenas coisas que fez por mim nas ocasiões que descrevi. Talvez a capacidade de ler não seja algo absolutamente indispensável para que a pessoa seja bem-sucedida neste mundo. Ainda assim, há pessoas que gostariam de saber ler e escrever, mas que nunca tiveram a oportunidade de aprender, e isto não é certo. O mundo já amadureceu há tempo suficiente para que essa oportunidade possa ser dada a todos.

Não há necessidade de insistir para que as pessoas leiam obras-primas ou comuniquem informações importantes, ou que estudem, ou mesmo que contribuam para o futuro aprendendo a ler e a escrever. A mim me parece que, na verdade, elas deveriam ter essa oportunidade unicamente para seu próprio prazer e para ampliar os seus horizontes.

**FRANCISCO SIONIL JOSÉ** é chamado de tesouro nacional filipino. Nascido em 1924, ele é um dos escritores filipinos mais lidos no mundo todo. Sua série de romances e contos retrata os esteios das lutas de classes e o colonialismo. Frequentou a Universidade de Santo

Tomás após a Segunda Guerra Mundial, mas abandonou o curso e mergulhou na escrita e no jornalismo em Manila. Nos anos seguintes, editou diversas publicações literárias e jornalísticas e fundou uma editora. *The Pretenders* é seu romance mais famoso.



## PARA UM ESCRITOR JOVEM

Em uma crise moral como a que assola hoje o país, quando um punhado de congressistas trai a confiança de seu povo em obediência a seu líder poderoso, o que um filipino comum pode fazer? O que um escritor pode fazer?

O escritor alemão Stefan Heym, que atravessou o nazismo e o regime comunista da Alemanha Oriental, deu este conselho:

*O dever do escritor é sobreviver.*

– E se – perguntei – sobreviver significar aquiescer ou se entregar?

– Então – replicou ele – a sobrevivência também é um teste de sua força moral.

Será que nossos escritores de hoje possuem essa força? Às vezes, quando jovens escritores me pedem conselho, é isto o que eu lhes digo:

A memória e o sentimento nunca bastam. É preciso que você domine a arte da escrita e da língua que conhece melhor – respeite a palavra e conheça as regras antes de quebrá-las. Tendo dominado a palavra, use-a então como se criasse uma janela – polida, sem manchas, de modo a que se possa enxergar claramente através do cristal. Não cubra a soleira com babados ou belas cortinas, já que serão essas decorações que vão atrair e esconder a vista. Reveja, revise, reescreva até doer, até a mão que segura a caneta ficar dormente, até cada frase poder ser lida com facilidade, cada palavra estar no lugar e você souber, então, que a janela foi feita.

Você é um contador de histórias, um cantor – então aprenda ritmo, música, ressonância, técnica narrativa, até entrarem em sua medula. Você pode aprender tudo isso escrevendo



cartas, bilhetes, exercícios, diários. O pianista de concertos, a primeira bailarina – praticam todos os dias e se aquecem antes de ir para o palco.

Não se deixe desviar pelos últimos modismos literários, por ideologias em voga. Certamente eles passarão como estações esquecidas e o que vai ficar são aquelas verdades – amor e morte, fé e paciência –, que você tornará permanentes na prosa. Olhe para sua arte com humildade e seja seu crítico mais severo. Não acredite nem uma vez naquele antiquíssimo panegírico que diz que a pena é mais forte que a espada. Nunca! É sempre a força nua que triunfa e governa, contra a qual você terá de bradar sempre, até ficar rouco. Cuidado, também, com os elogios cedo demais, pois podem destruir, e lembre-se mais uma vez de que só o tempo vai dizer se seu trabalho vai permanecer.

Escreva com todos os sentidos e ponha algumas de suas úlceras para trabalhar, pois o que escrever vai latejar de vida. Viva, seja observador, seja a eterna criança irradiando pasmo e admiração diante do mundo, reunindo memórias, pois elas serão recuperadas como diálogos, cor, enredo, ação.

Pergunte a si mesmo o que é literatura, quem é a sua platéia. A literatura é a mais nobre das artes e os escritores deveriam, portanto, ter porte nobre, afirmando em suas próprias vidas os princípios socráticos de virtude e excelência. Isto é difícil de alcançar; talvez baste lutar para ser capaz de olhar para cada homem direto nos olhos e dormir serenamente à noite, sem os pesadelos da consciência culpada.

Seja uma testemunha honesta de sua época e seja forte quando o insultarem por falar a verdade. Sua vocação também irá condená-lo à solidão, mas lembre-se – aquele que permanece de pé sozinho é o mais forte. Mesmo na mais avassaladora solidão, lembre-se de que está escrevendo não para os críticos, acadêmicos ou para outros escritores, mas sim para seu próprio povo que, em seu silêncio e pobreza, talvez não consiga expressar suas aspirações e angústias. Você é a voz deles, caso não os tenha abandonado e traído.

Seja qual for o sofrimento que lhe possa ser despejado às costas, nunca, nunca perca a equanimidade, o humor. Muito do que escreve será árido – assim mesmo, aprenda a rir de si mesmo primeiro, e de seus críticos e, é claro, das gracinhas dos mais desgraçados entre os seus concidadãos.

Nutra em si mesmo um duradouro senso de urgência, de paixão – profunda e vulcânica – mas mantenha-a sempre sob controle e, com ela, aquela profunda melancolia tecida por nossa história, nossos líderes – não importa quão fulgurantes nossas *fiestas* e quão cintilantes os nossos sorrisos. Essa paixão, essa melancolia, devem vir à superfície como literatura se você for um artista. Como disse Lenin, toda arte é propaganda, mas lembre-se, nem toda propaganda é arte.

Faça com que escrever pareça difícil porque é difícil mesmo. Pior, pode nem permitir que você viva com conforto, e você venha a envelhecer como tantos de nós que tentaram sem sequer serem apreciados em seu próprio país. Basta olhar para todos os livros empilhados em balcões de ofertas – ninguém os compra, pois, embora tenhamos um romancista como herói nacional, não lemos romances.

Por que, então, você deve escrever? Faça-o porque há tanta hipocrisia e perversidade dentro de nós e, quem sabe, você não consiga exorcizar um pouco delas. Faça-o porque muitos de nós perdemos nossa âncora e é na literatura que vive nossa história, onde podemos melhor nos conhecer para que nós mesmos, então, possamos viver e ser enraizados de novo em solo nativo. Faça-o porque é uma vocação que lhe dará tanto prazer, tão duradouro e tão profundo – transcendendo qualquer coisa que aqueles sibaritas e sensualistas ambicionam. Eu lhe asseguro, este velho sabe.

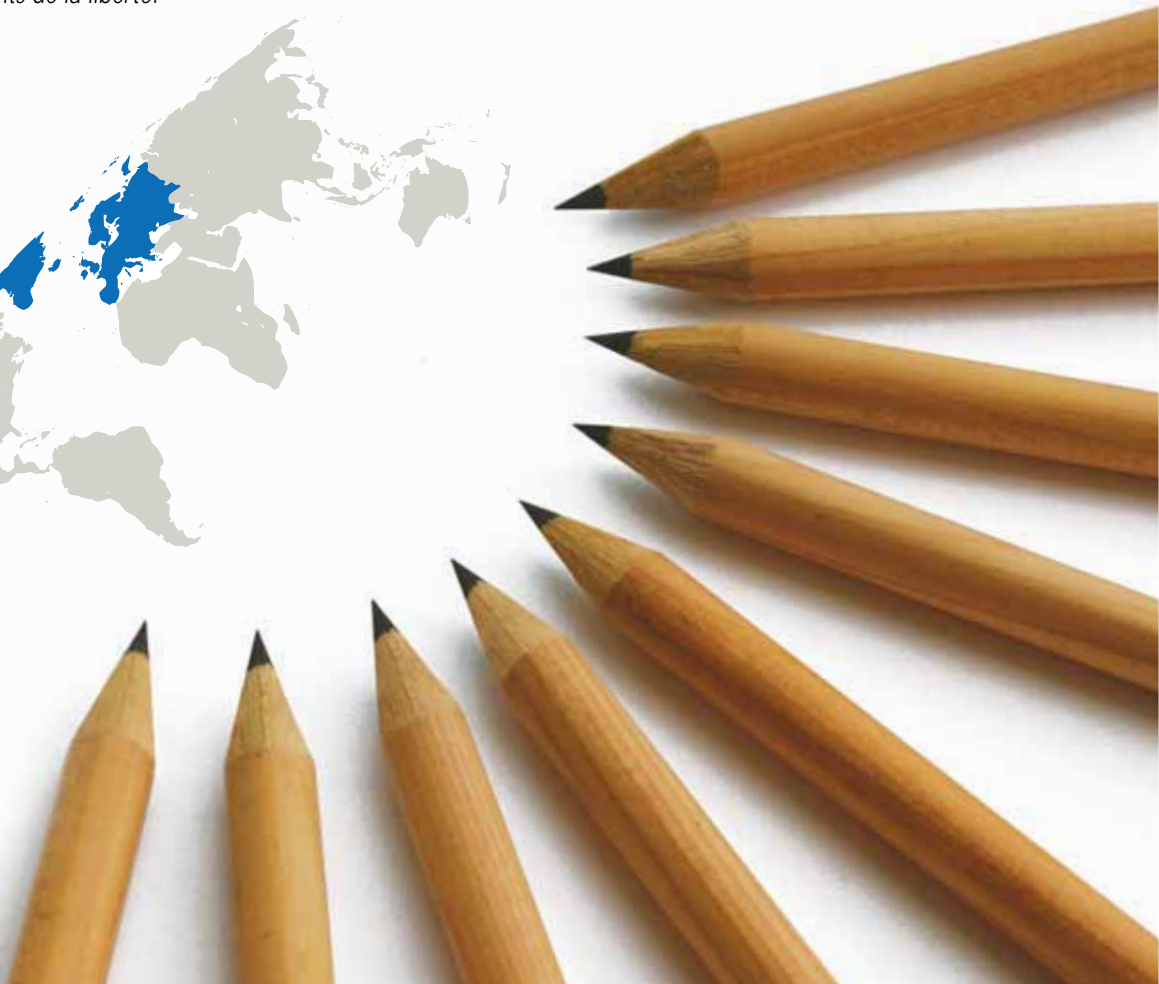
O que, afinal, é literatura senão a dor recordada. Ao recordar, nós a adornamos com nossa imaginação, nosso engenho, enobrecendo-a, talvez, imbuindo-a de permanência; então ela passa a existir além de nossas vidas mesquinhas, um testemunho de nossa humanidade para testemunho de todo o mundo. E, tendo testemunhado, é nossa esperança de que o que tivermos escrito irá evocar comparações, pois, no fim, é isso que reúne todos os homens.

Recado final: escreva onde puder fazê-lo melhor, no exílio, talvez, mas nunca, nunca deixe sua aldeia, sua cidade, suas origens. Entesoure-as no coração, santifique-as em sua mente, pois suas origens lhe dão sua alma, sua humanidade. Ao recordar com paixão, você estará escrevendo sobre um lugar em particular, sobre pessoas em particular, mas dará a eles também o que todos reconhecerão, a universalidade do homem e da arte em si.



# FRANÇA

**MARC LÉVY** nasceu em 1961 em Boulogne-Billancourt, na França. Após uma carreira como arquiteto, publicou, em 2000, seu primeiro romance, *Et si c'était vrai*, traduzido em cerca de trinta línguas e adaptado para o cinema por Steven Spielberg. Acaba de publicar *Les enfants de la liberté*.



## O VALOR DAS PALAVRAS

Em uma ruela de um povoado qualquer, duas crianças brigam: a disputa é apenas um jogo, trocam uma ou duas palavras para marcar as diferenças. Os dois meninos se olham, se medem. Na falta de vocabulário, um estende o braço para amedrontar o outro, que se apruma, avança os punhos e bate. De companheiros de brincadeiras, tornaram-se inimigos, e um adulto os aparta.

Se o caminho que os conduz para casa os afasta um do outro, o pensamento de cada um não consegue deixar a ruela onde a rixa aconteceu. Um deles fulmina, o outro clama por justiça. O primeiro retorna, apanha uma pedra e a arremessa. A pedra voa e bate na testa do outro. A criança que lançou a pedra se sente vingada. Liberada de sua raiva, olha o sangue correr pelo rosto de seu colega que cambaleia. Agora o medo é outro, o medo do que fez. “Por que você não tentou conversar com ele para acertarem as diferenças?” pergunta o adulto. “Eu não tinha mais palavras, tinha apenas minhas mãos”, responde a criança, tristemente.

Nas ruas de uma cidade em conflito, dois clãs se opõem; o sibilo das balas substituiu os assobios dos rapazes que saudavam uma bela jovem quando o vento levantava parte de sua saia... Ao cair da tarde, as explosões de morteiros substituíram o burburinho dos terraços dos cafés, há muito recobertos de entulho.

O tabuleiro da ponte que une as duas margens da cidade está cheio de crateras. No asfalto, o sangue fresco apenas escurecido pelo sol brilha; amanhã, a chuva o apagará. No ponto mais alto, duas barricadas separam as facções rivais. Na praça central do povoado, os velhos não se lembram mais do porque dessa guerra, de tanto ódio. Sentados sobre alguns

troncos descascados, aqueles que não temem mais a morte, pois já perderam tudo, contentam-se em suspirar, lembrando-se de que antes “ todo mundo se entendia bem” . Se entender bem! Há muitos anos que aqui e lá, os homens não se falam mais.

Entender-se! Esse verbo soa como um paradigma e nos diz em uma só palavra que falamos, ouvimos e fizemos acordos uns com os outros. Este é o sentido das palavras, de ser o reflexo de nossos sentidos conjugados, a visão, o olfato, a audição, a sensualidade. Amo o murmúrio, os lábios entreabertos um instante sobre uma pele suave. Execro a escavação onde são descarregados os cadáveres descarnados das sepulturas de Sarajevo. Amores e furores são apenas um impalpável sopro sem as palavras para concebê-los.

E se tudo o que eu disse aqui fossem apenas portas arrombadas, eu o faria assim mesmo, apenas pelo prazer de fazer trocadilhos com as palavras como um saltimbanco, verso e reverso, e como fez um ministro citado por Prévert, escrever uma bela frase vazia e cair dentro dela.

Cada palavra adquirida permite ao homem expressar seu pensamento. Como compartilhar um ponto de vista, expressar uma diferença, se afirmar, debater, fazer justiça, sem vocabulário? Quantos conflitos nasceram da incapacidade de interpretar a vontade do outro, dos outros?

Na falta da palavra, o desassossego torna-se cólera, a cólera transforma-se em raiva e a raiva em violência incontrolada.

E já que algumas letras (duas ou três mil na Ásia, me disseram, menos de trinta no Ocidente) bastam para formar todas as linguagens humanas, então as palavras são de fato o fundamento de todas as culturas, de todas as nações. Uma parte importante da identidade do homem nasce de sua linguagem e quem duvidar disso deveria perguntar àqueles que lutam pela sobrevivência de seus dialetos.

As armas não bastam aos ditadores para subjugar seu país. A censura das palavras, dos escritos, que conduz à censura do pensamento, para eles é indispensável. Eles precisam queimar os livros, proibir os jornais, exilar ou assassinar escritores e filósofos.

Tanto quanto os fuzis não conseguem sozinhos manter viva durante muito tempo uma ditadura, nenhuma democracia sobrevive por muito tempo ao empobrecimento de sua

linguagem. E para compreender o admirável poder da palavra frente a todos os outros poderes, basta lembrar-se de que, em todas as línguas e todos os dialetos do mundo, o homem soube inventar com algumas letras, alguns signos, ou algumas sílabas, os fundamentos de sua cultura e de sua condição, da qual a esperança é partícipe.

“Quando damos dinheiro a um homem, ele o gasta”, dizia um sábio africano, acrescentando: “quando lhe oferecemos um livro, damos-lhe um meio de transmitir o conhecimento, vetor de esperança e de paz”.

Durante esses últimos anos, estive em vários colégios, em alguns às vezes denominados com desdém “colégios difíceis”. Fico chocado de ver como as crianças reduziram seu vocabulário, usando a mesma dicção, limitando dessa forma a sua capacidade individual de se exprimir, diminuindo toda possibilidade de afirmação de suas diferenças, se fechando em um gueto de palavras, caminho inelutável para um gueto da vida.

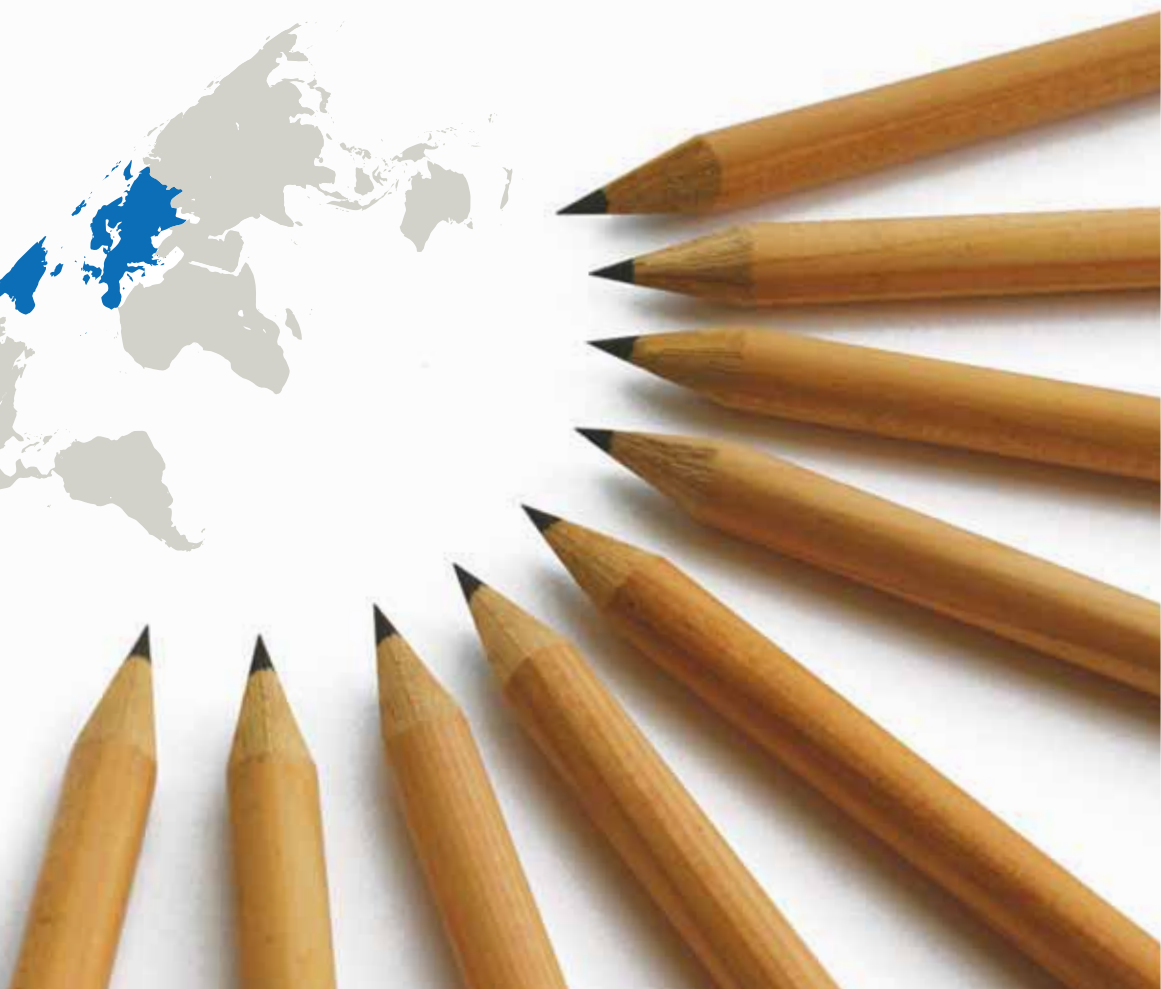
O enriquecimento do vocabulário, a descoberta de outras palavras, às vezes de um livro, de outra voz além das vozes unificadas dos companheiros, abrem as portas de uma liberdade que eles mesmos não imaginam. Se vocês soubessem como é maravilhoso o sorriso que irradia uma criança liberada dessas amarras, até que ponto a descoberta das palavras abre as portas de um mundo ignorado por elas, portador de esperanças, desejos, e de absolutos este é o sorriso da libertação.



# HUNGRIA

**MIKLÓS VAMÓS** é um dos escritores mais respeitados de sua Hungria natal. Foi professor na Universidade de Yale, correspondente no leste europeu para o *The Nation* e apresentador do programa cultural de televisão mais assistido na Hungria.

Vamós recebeu inúmeros prêmios por suas peças de teatro, roteiros cinematográficos, romances e contos, como também o Diploma de Mérito Húngaro pelo conjunto de sua obra. *Book of Fathers* é considerado seu melhor romance.



## CHEKHOV NO BANCO

Ficou ali parado, na borda da quadra, até a noite cair sobre ele. Seus pés chatos estavam doendo muito, assim, sentou-se na cadeira do juiz. Por volta das nove horas, começou a tremer de frio e desceu de lá; tirou do bolso a chave dupla, polida até lustrar, trancou o portão de metal que no passado pintara de azul, exatamente como havia feito ao final de cada dia e todos os dias durante muitos e muitos anos. Desta vez sem necessidade, pensou.

– Para quê? – ele o abriu de novo. Depois voltou a trancá-lo, afinal de contas. – Tudo deve ficar em ordem. Ou deveria...

Os quadriláteros vermelho-tijolo das três quadras de piso socado brilhavam ao lusco-fusco.

– Bem, vamos, vamos embora! – Velló encorajou a si mesmo. Ainda assim, permaneceu imóvel por muito tempo.

Não era fácil se conscientizar de que não haveria mais uma quadra de tênis ali. A área inteira acabava de ser vendida, o centro de esportes seria fechado, o colossal prédio abandonado e desolado da fábrica de parafusos seria derrubado, assim como os prédios de apartamentos de um só cômodo das ruas vizinhas. Diziam que um centro comercial seria construído ali, como se já não houvesse centros comerciais que bastassem. Velló – ou, Velő, como a maioria o chamava – seria um idoso aposentado a partir do dia seguinte. Havia zombado mais ainda do seu pai por causa do seu nome, pois ele se chamava Vellöschaer, um alemão da Suábia, que depois húngarizara o nome em zelo patriótico, sendo deserdado de imediato pelos pais<sup>1</sup>. Velló só ficara sabendo disso por ouvir falar. Seu pai desaparecera

1. Velő significa medula óssea, em húngaro.



(segundo diziam, ele fora trocando as pernas para a América) quando ainda era criança de peito, em uma casa paupérrima em Kispest, igual àquelas que estavam esperando para serem derrubadas aqui.

Vellő já trabalhava aos dez anos de idade. Levava a roupa lavada e passada aos fregueses da mãe, equilibrando primeiro as cestas de vime na cabeça – senão não seria capaz de carregá-las. Já passava dos treze quando virara apanhador de bolas nas quadras de tênis do ACD, o Atlético Clube dos Detetives, próximo à ponte no lado de Peste da Ponte Margaret, às margens do Danúbio. Depois da guerra, passara a ser o vigia. Quando o ACD foi dissolvido, foi para o Újpesti Dózsa, e depois viera para cá, o centro esportivo da destilaria na Rua Budafoki – difícil dizer – quase 50 anos atrás.

Todos os dias levantava-se de madrugada para chegar às quadras às 17h45. Molhava as quadras de terra batida, cuidadosamente alisadas com o ancinho e amarrava as redes recolhidas na noite anterior. Empurrava o carrinho-de-mão por toda parte, espalhando uma pazada de argila vermelha nova aqui e ali nos pequenos buracos escavados por saltos de sapatos e socava a argila com os pés. Até onde dependia dele, só compravam a argila Champion da melhor qualidade. Depois, com pó de giz, enchia a máquina que se movia sobre rodinhas e desenhava as faixas. Quando terminava, os jogadores já estavam começando a aparecer. O time da destilaria competiu na primeira divisão por algum tempo; em meados dos anos 50, caiu para a segunda. Agora, já havia caído para depois da terceira e só podia participar de competições distritais. No entanto, a argila e linhas de Vellő continuavam de primeira classe.

Nada mais é como costumava ser. As redes agora são pretas, as bolas são verde-amareladas, as roupas dos competidores são vistosas e de mau gosto, as raquetes de madeira e encordoamento de tripas saíram de moda, em vez de linhas polvilhadas agora as faixas são feitas de pequenos cartões brancos de plástico afixados no chão... Esporte de cavalheiros é coisa do passado, palavrões são comuns e raquetes voam para todos os lados. Nas quadras de Vellő, só as moscas voavam; tudo estava acabado agora. Ele também poderia trabalhar em outro lugar. Mandaram-lhe um recado de um clube particular de tênis, eles o aceitariam

como trabalhador nas quadras, pagariam por hora, por baixo dos panos para economizar seguro social e imposto de renda. Também seria possível, explicara o portador do recado, um jovem de pasta (que jogara na equipe da destilaria antes), que tio Velló pudesse pedir uma certidão de empresário às autoridades locais para uma ocupação secundária, talvez, dependendo do que fosse melhor para ele. Depois, é claro, teria de pagar seguro social e imposto de renda. Nesse caso, se optasse por uma atividade envolvendo impostos, iria precisar de um bom guarda-livros, que soubesse como mexer os pauzinhos – dizia, piscando o olho. Velló sacudiu a cabeça – “Obrigado”, pensou, “mas isso é a última coisa de que preciso... guarda-livros e imposto de renda... se minha aposentadoria der para chegar ao fim do mês, prefiro ficar sentado no meu traseiro e não fazer nada. É um mundo de loucos... iam me mandar para um guarda-livros só por eu ser um trabalhador desqualificado, um cachorro para ser chutado por todos, um cachorro sem dono. Estou velho demais para essas coisas.”

Nos últimos dias de trabalho, sentiu-se fortemente tentado a pegar a velha raquete Slazenger inútil que alguém esquecerera na quadra três uns vinte anos antes e dar uns saques na quadra um, pretensiosamente chamada de Quadra Central. Bolas, ele tinha muitas. Os meninos viviam jogando bolas fora e ele as guardava numa caixa de madeira. Nem todas estavam mortas, havia algumas ainda bem rijas entre elas. De vez em quando, Velló distribuía a maioria delas em quadras de parquinhos para crianças pequenas, que gostam muito de presentes desse tipo.

Como gesto de despedida, teria sido bom acertar uma dúzia de bolas precisamente no canto da área de saque, como devia ser. Também podia praticar contra a parede, pensou. Com os olhos da imaginação, antigos campeões de tênis que vira jogar no passado lhe apareceram. Ficou imaginando com qual deles iria preferir jogar e qual seria o resultado de um jogo de três sets. No fim, optou pelo Pequeno Gulyás, o eterno campeão húngaro.

Velló passara toda sua vida servindo ao “esporte branco”, sem nunca ter jogado uma vez sequer. Quando criança, nunca pensara em tentar esse passatempo da alta sociedade. Mais tarde, sentia vergonha de admitir que nunca jogara. Gerações cada vez mais novas seguiram-se nas quadras delimitadas pelas linhas brancas, e chamavam-no tio Velló mesmo quando



tinha trinta anos. Alguns veteranos do ténis, muito mais velhos que ele, o chamavam de Camarada do esporte Vellő. A última vez que fora chamado pelo primeiro nome fora provavelmente no ACD (sem contar os escoteiros)<sup>2</sup>, pelo antigo zelador que o precedera.

– Sr. János, poderia fazer o favor de nivelar a quadra dois com urgência... Na época, Vellő ainda estava na escola primária. Os rapazolas animados foram desaparecendo um por um do campo, a guerra progredia, e eles iam recebendo suas convocações.

O primeiro dia da aposentadoria passou penosamente devagar. Vellő deixara de encher a vida com filhos, objetos ou paixões. Fora casado por não mais de 14 meses no final dos anos 50. Naqueles dias, a Junta de Diretores da Seção de Ténis tinha destinado um apartamento de um quarto para ele na Rua Vaspálya, onde morava desde então. Na época em que se conheceram, Anna, sua esposa, trabalhava como secretária na sede do clube. Ela deixara um curto bilhete de despedida: – *Vellő, amo outra pessoa. Esqueça-me!*. Amor-perfeito era a flor preferida da mulher gorducha. Vellő mal podia recordar seu rosto, só seus olhos azuis-pálidos brilhavam-lhe na memória.

Vellő demorou bastante para se lavar, passar a roupa e fazer a limpeza. Para o almoço, preparou um *lecsó*<sup>3</sup>. Depois de comer tirou um cochilo, tentou dormir, mas o sono lhe escapava. Mais tarde saiu para uma caminhada. Na terceira esquina, viu que estava sem fôlego.

– Claro, pois estou correndo... – ele nunca caminhara sem destino, assim. Apesar de seu horário de trabalho ser fixado em oito horas por dia, ele nunca passara menos de doze nos terrenos do clube. Depois do trabalho bebia um *fröccs*<sup>4</sup> no barzinho decadente da esquina. Durante o jantar, assistia televisão. Muitas vezes dormia com a cabeça apoiada na beira da mesa. Nos fins de semana, às vezes ia assistir a um filme no velho cinema.

De repente lhe veio a idéia de comprar alguma coisa para si mesmo. Mas não conseguia imaginar o quê. Trazia mil florins com ele. Até aquele dia achava que a nota bancária húngara verde era uma boa soma em dinheiro. Contudo, já há algum tempo as notas de mil haviam

2. No original, *Levente*, uma organização militar de jovens na Hungria, 1928-44.

3. *Lecsó* é um prato de legumes feito de pimentões vermelhos, amarelos ou verdes, tomates e cebolas.

4. *Fröccs* é uma bebida de verão, muito popular, feita de vinho e água com gás.

substituído as de cem nos envelopes de pagamento de salário. Resolveu entrar na primeira loja que encontrasse no caminho. Não teve sorte. Deparou-se com um sebo que vendia livros de segunda mão, com um letreiro bem desgastado.

– Para mim, dá no mesmo... – desceu a escada íngreme de tábuas rangentes até o porão retangular. O tilintar da campainha sobre a porta lhe trouxe de volta memórias da infância. Sua mãe trabalhara por alguns anos numa mercearia em Maglód que tinha a mesma campainha tilintante, atendendo os fregueses. Na loja de lá, o assoalho de tábuas corridas limpas com óleo rangia acolhedoramente e o cheiro inevitável de produtos químicos pesava no ar. No sebo, suas sandálias se arrastavam barulhentosamente no linóleo marrom-enferrujado e grãos de poeira flutuavam nos raios de sol que se infiltravam pelas duas janelinhas.

– Posso ajudar? – perguntou o balconista, um homem da idade de Velló, olhando para ele por cima dos óculos de meia-lua que lhe escorregavam até a ponta do nariz.

– Estou só dando uma olhada – murmurou Velló de mau humor, pronto para sair.

– Fique à vontade – e voltou a ler o livro que descansava aberto sobre o balcão.

Sentiu inveja do homem pela atenção que o mantinha absorvido pelo texto.

– Eu bem que poderia ler, também – pensou. Decifrava os nomes e títulos nas lombadas dos livros. Encontrou a *Biblioteca do Preço Baixo*. Esta ele conhecia; sua mãe colecionava seus livros enquanto ainda vivia. Os mais finos custavam três florins, os mais grossos, quatro.

– Mamãe, está lendo de novo? Por que força os olhos? – Velló ralhava com ela. Ela sorria consigo própria.

– Encontrei um livro grosso e maçante; ajuda a passar o tempo.

Isso ele jamais pudera compreender.

– Qual a graça de ler um livro maçante?

– Esqueça, meu filho – disse a mãe. – Não quero mais saber de emoções na vida.

Velló tentou lembrar-se para onde aqueles volumes uniformes, amarelados, teriam ido depois do enterro da mãe. Obviamente ele os havia dado de presente para as duas vizinhas de olhos vermelhos de chorar, com todo o resto das coisas dela.



Ele pegou os livros pequenos, que pareciam velhos e poeirentos nas suas mãos e chegou a lembrar-se da capa de alguns. De repente, uma espécie de tontura tomou conta dele.

– Mamãe teve este livro, com certeza! – Na época, o desenho simples da capa para a qual olhava ficara-lhe gravado na mente: o desenho idiota de uma velha feia e gorda, com um medalhão em formato de cruz pendurado ao pescoço numa fita vermelha, uma figura de mulher chorosa no fundo, de vestido da mesma cor vermelha da fita. Chekhov: *Anna no pescoço do marido*. Contos<sup>5</sup>.

Ele quase nunca lia, no máximo folheava a *Esporte Popular* ou as revistas semanais ilustradas abandonadas nas quadras. As fileiras de letras no livro mal formavam palavras completas.

Traduzidos do russo, edição seleta de vinte volumes publicados em Moscou entre 1946-1951, por Erzsébet Devecseri Guthi, Sarolta Lányi, Klára Szöllősy. Editor Etel Gordon. Publicado pelo diretor da Editora Nova Hungria. Diretor Editor: Irén Leszev. Diretor Técnico: Béla Siklós. Número de cópias: 48.000, Tamanho da folha: 14,1 (A/5)...

– Puxa! – estava encharcado de suor.

Ficou surpreso quando o vendedor de óculos pediu não mais de vinte e dois florins pelo “Chekhov.”

– Se é uma forma tão barata de diversão, afinal, vou acabar adquirindo o hábito de ler.

Um anúncio muito velho veio-lhe à mente, mas ligeiramente alterado: “*Diga-me, vaca, por que choras? Livros ainda são mais baratos que carne*”.

Sentou-se num banco da pracinha.

– Agora é hora de ler. – O sol do final da tarde brilhava encorajadoramente. Pintava as páginas de luz.

“*Depois do casamento, sequer fizeram uma refeição rápida; o par feliz simplesmente tomou uma taça de champanhe, trocou suas roupas por trajes de viagem e dirigiu-se para a estação*”<sup>6</sup>. – Assim começava

5. A tradução húngara chama-se *Anna no pescoço do marido*. A ordem de Santa Anna, uma condecoração russa, tinha diferentes graus: os inferiores eram colocados na botoeira da lapela, enquanto os graus superiores eram presos ao peito ou pendurados numa fita ao pescoço.

6. No texto acima, as citações do conto vêm da tradução de Constance Garnett do conto *Anna ao pescoço*. Ela traduziu e publicou 13 volumes de histórias de Chekov entre 1916 e 1922.

a primeira história, a que dava nome ao livro, *Anna no pescoço do marido*. O título fez Velló lembrar-se da sua própria Anna.

– Não posso dizer que ela tenha ficado pendurada no meu pescoço por muito tempo...  
– fechou o livro. Mais uma vez, olhou curiosamente para o desenho da capa. Percebeu que não era uma mulher velha, mas sim o marido, e o medalhão pendurado ao pescoço certamente representava sua esposa, Anna. – É assim que o título deve ser entendido – pensou. Só tinha uma foto de Anna, a do casamento, na qual a mulher recém-casada encarava o espaço sombriamente, inclinando a cabeça com um penteado complicado no ombro do marido.

– Vamos lá, velhinho, pare de sonhar acordado e comece a ler!

*“Em vez de uma alegre festa de casamento, baile e banquete, em vez de música e dança, seguiram viagem para rezar num santuário a duzentos quilômetros de distância.”* – Velló fez uma pausa no ponto final. Deixou o volume aberto nos joelhos e fechou os olhos. Círculos de luz brilhavam-lhe na mente.

Eles até haviam posto um epílogo impresso em itálico no livro de Chekhov, escrito por Irén Leszev.

– Talvez eu compreenda melhor a coisa toda se começar por aqui.

*“Filho de um merceeiro de Taganrog, tinha vinte anos de idade quando chegou a Moscou, no outono de 1879, para se matricular na universidade.”*

– Vendeiro... deve ser a mesma coisa em Tanga-lá-o-quê como aqui. – Mamãe se esfalfando atrás do balcão, coberto de copos de vidro com a borda lascada.

– Filho, venha cá, cumprimente tio Nirts direitinho! – mamãe vivia com medo de atrair a ira do dono para cima dela e perder o bom emprego. Mas tio Nirts era uma alma gentil, de *pince-nez*, que quase nunca se zangava com mamãe ou com quem quer que fosse. Costumava colocá-lo nos joelhos e sacudi-lo.

– Upa, upa cavalinho! – os filhos de tio Nirtz morreram, um após o outro. – Coitadinhos... seus pulmões eram fracos demais... — Velló ouvira essas palavras, como se o velho merceeiro



se desculpasse, mais de cem vezes. – Bem... é isso... a gente tem de aceitar... pelo menos você é forte, crescendo que nem repolho de Zala, não é?... Então me diga, Velôzinho, o que é que você vai ser quando crescer?

– Professor de Medicina – respondia, sabendo que era isso o que a mãe queria ouvir. Na verdade queria ser um oficial do exército, de alta patente, o peito coberto de incontáveis medalhas, uma espada com borla, um cavalo branco.

– É isso mesmo – aprovava tio Nirts – uma criança inteligente como você tem mesmo de ir para a universidade... se eu mesmo tivesse me esforçado...

Tio Nirts fora à falência inesperadamente, pouco antes de sua loja e ele próprio terem sido varridos pela guerra, sem deixar rastros. Depois dela, Velló não quis mais saber de carreiras no exército. Universidade estava fora de questão, já que antes teria de completar a escola secundária.

*“O que havia no passado do rapaz que olhava ao redor, em silêncio? Anos problemáticos, uma infância sem nunca ter sido realmente criança, tristeza, humilhação.”* – Isto poderia bem ter sido escrito para mim, pensou Velló. Naquele momento, sentiu que Anton Pavlovitch Chekhov era um amigo íntimo que só passara quarenta anos nesse mundo (1860-1904), pois – conforme ficou claro a partir dos parágrafos meticulosos de Irén Leszev – seus pulmões eram no mínimo tão fracos quanto os dos filhos de Nirts. *“Ele gostava de ciências naturais, assim tornou-se aluno de medicina.”* – “A mãe dele deve ter ficado felicíssima”, pensou Velló. Tudo o que Irén Leszev revelava sobre a mãe de Chekhov era que ela ganhara a vida modestamente com a costura, depois da falência da mercearia do pai.

– Então o pai Chekhov era exatamente igual ao tio Nirts... assim mesmo, não podem ter sido tão pobres como nós... Falência ou não, um vendeiro sempre consegue chegar ao fim do mês... – rachaduras quase imperceptíveis começavam a aparecer em sua solidariedade.

*“As peças de Chekhov foram recebidas com sucesso estrondoso no mundo teatral. Sua amada Olga Knipper, uma das atrizes mais famosas de sua época...”* – nesse ponto o antagonismo suave, mas já perceptível, transformou-se em ódio misturado à tristeza. Desde que sua mulher o abandonara, Velló mal considerava o gênero feminino digno de atenção.

– Mas uma atriz... afinal de contas... – Velló grudava fotos vistosas de capas da revista *Teatro e Cinema* (mais tarde seria *Filme, Teatro, Música*) por todas as paredes da cozinha. Margit Bara. Violetta Ferrari. Mariann Krencsey. – Bem, essas eram mulheres de verdade!

– Não bastasse um diploma de médico, dinheiro, e, além do que escrevia Irén Leszev, “fama e imortalidade”, Chekhov ainda tinha uma dessas atrizes rechonchudas. – Velló o invejava mais do que tudo pela mulher. – Minha Anna, vamos admitir, não era bonita... Nem sequer me queria. Claro, eu também sou meio feio e, além das duas mãos, não tenho mais nada... nunca tive... – suava muito, a tristeza tomando conta dele. “ *Sua vida terminou num país estrangeiro – numa estação de águas alemã – mas está enterrado em sua pátria, em Moscou, na capital do seu país.* ” Velló ficou imaginando que tipo de mulher essa Irén Leszev não seria. De óculos. De coque. Mancha de tinta e um calo no dedo de tanto escrever.

O sol ainda brilhava sobre os tetos, a pracinha cheia de crianças, o barulho que faziam fundindo-se em monótona melodia. Velló suspirou. Virou as páginas de volta ao princípio para continuar *Anna no pescoço do marido* onde parara. “ *As pessoas também diziam que Modest Alexeitch, sendo um homem de princípios, arranjava a visita ao mosteiro expressamente para fazer sua jovem noiva perceber que, mesmo no casamento, ele colocava a religião e a moralidade acima de tudo.* ” – Velló perdeu-se nessa frase longa e complicada, chegando ao final só após uma segunda leitura. Lembrou-se da mãe.

– Será que ela achava Chekhov aborrecido o bastante? Quanto à grossura, até que o livro não é mau.

“ *Quando o trem partiu, Anna viu o pai correr um pouco atrás do trem, cambaleando e derramando o vinho e, que rosto gentil, cheio de culpa, digno de pena ele tinha.* ” – Velló suspirava pesadamente. Seu interesse esfriou, os olhos se cansaram, também.

– As letras são muito pequenas... – ele dificilmente leria aquele livro até o fim, nem outro qualquer, estava velho demais para começar a ler, estava além dele, complicado demais, quase como tudo mais nesta vida.

Deixou “Chekhov” no banco e preparou-se para voltar para casa. Uma voz aguda de criança soou atrás dele.





– Ei, senhor! – ele estacou de repente. Um menininho de macacão vinha correndo em sua direção. – O senhor esqueceu isto! – e estendeu o livro para ele, os dedos sujos cobrindo a cabeça do marido na capa do livro. Vellő pegou-o.

– Obrigado. Você é um bom menino... como se chama?

– Sajó.

– Hacsek e Sajó – disse Vellő espontaneamente. O menino assentiu.

– E o senhor?

– Vellő.

– Então o senhor é o könyvellő!<sup>7</sup> – riu abertamente, depois cantou sem qualquer vergonha: – Könyv-ellő! Kony-vel-lő!

Vellő gostaria muito de ter-lhe dado um tapa na cara. “Mas era só uma criança...” – sentiu vergonha e colocou o volume nas mãos do menininho.

– Tome, é seu! – a criança pegou o livro, contente.

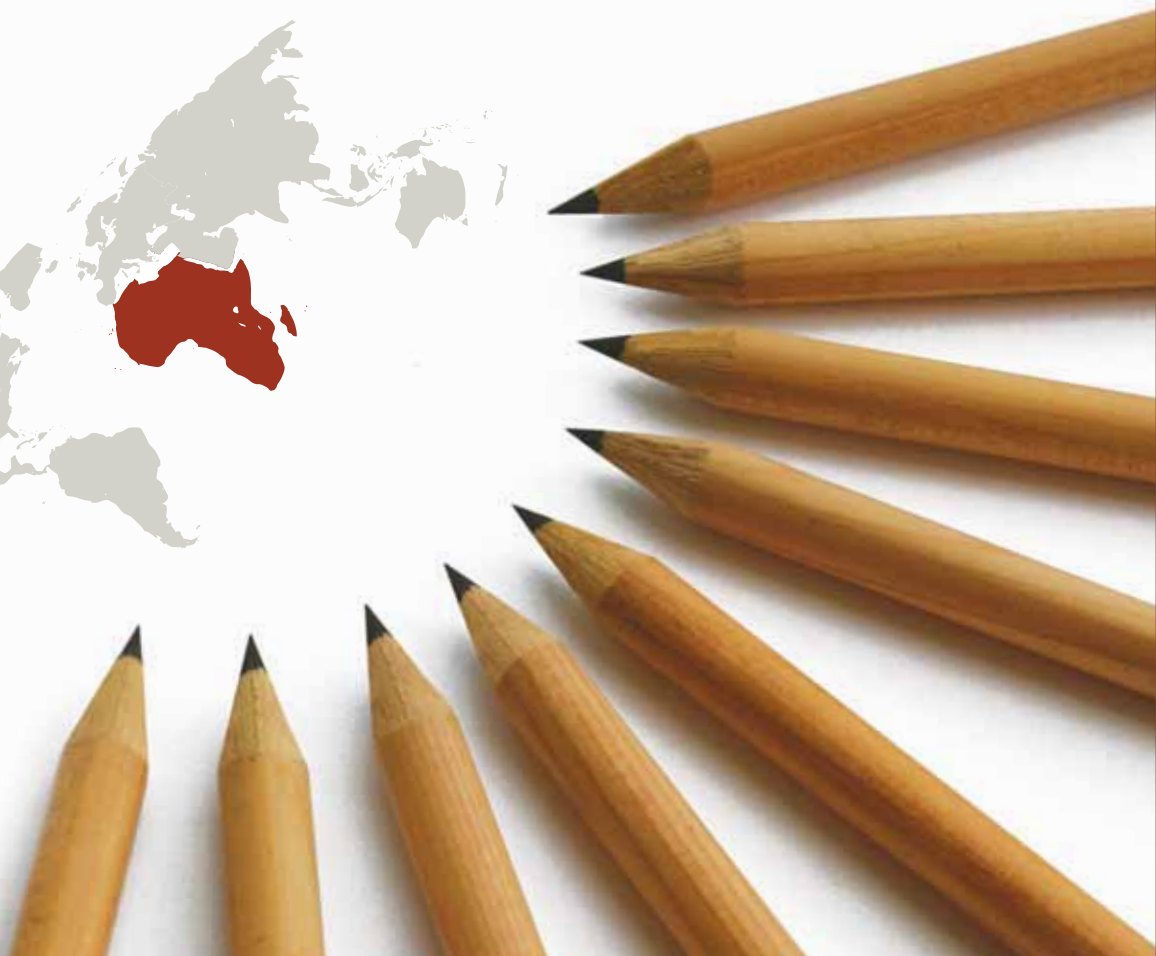
– OK... mas ainda não consigo ler.

– Nem eu – respondeu Vellő. O menino riu, achou que o velho estava brincando.

7. Vellő, Könyvellő – um jogo de palavras em húngaro: könyv significa livro e könyvelő é guarda-livros.

**NADINE GORDIMER** nasceu e mora na África do Sul. É autora de 14 romances, de inúmeras coleções de contos e trabalhos de não-ficção. Três de seus livros foram proibidos na África do Sul durante a vigência do *Apartheid*. Recebeu muitos prêmios, que culminaram com o Prêmio Nobel de Literatura de 1991.

É embaixadora da Boa Vontade do Pnud. Recentemente, editou uma antologia de contos de 21 autores internacionais, já publicada em 15 idiomas, com os lucros revertendo para vítimas de HIV/Aids.



## A IMAGEM E A PALAVRA

No início, era a Palavra. A Palavra que foi Criação. Sua transformação em palavra escrita aconteceu quando foi arranhada pela primeira vez numa pedra, como hieróglifo ou ideograma, ou desenhada num papiro, e quando viajou do pergaminho para a imprensa de Gutenberg. A gênese seguinte foi a da alfabetização. Foi e continua sendo a habilidade miraculosa que só os seres humanos possuem dentro do milagre da criação. (Nós criamos os meios para concretizá-la.)

Nosso novo milênio dedicado a definir e assegurar os direitos humanos, não cita, com certeza, a alfabetização como direito inalienável?

Mesmo assim, a UNESCO revela que mais de 700 milhões de adultos de nossa era não sabem ler ou escrever e mais de 72 milhões de crianças não vão à escola, privadas do direito à alfabetização. Na África do Sul, de onde escrevo estas palavras, o analfabetismo é de quase 50% em determinadas áreas rurais.

Quais os motivos, os de amplitude mundial ou os mais próximos, onde quer que seja o nosso lar? Pobreza e falta de instalações educacionais são os mais comuns nos países pobres e em desenvolvimento. O desastroso efeito econômico é visto a partir dos níveis mais humildes – na linha de montagem de uma fábrica de automóveis na África do Sul, pesquisas indicaram que muitos trabalhadores só conseguiam cumprir as ordens faladas, incapazes de ler quaisquer instruções escritas. No nível da educação superior, as universidades se deparam com alunos que, apesar de legalmente qualificados para ingresso, não possuem o vocabulário ou o uso hábil da palavra escrita considerados necessários para os cursos universitários.

A escassez de candidatos adequadamente preparados para desempenhar funções essenciais de administração, nos serviços sociais, na indústria e no comércio torna-se, assim, evidente. O presidente Mbeki recentemente afirmou que, para atender às necessidades da economia em rápido crescimento da África do Sul – a maior do continente africano em termos de recursos e infra-estrutura – o país precisará importar pessoal qualificado de outras nações para preencher as vagas, ao mesmo tempo em que ajudará a capacitar sul-africanos para ocupar tais postos, particularmente na indústria. Uma versão modernizada do provérbio *cada-um-ensina-um*.

Mas voltemos ao absoluto. Isto não precisava ser dito, mas deve ser, ao que parece. A alfabetização é a base de toda a aprendizagem. Mesmo quando nos voltamos para os diferentemente profundos conhecimentos numérico-ideogramáticos da ciência.

E voltando à fonte que é a palavra escrita, chegamos a uma condição intermediária da alfabetização que é prevalente no momento: a semi-alfabetização. Essa condição é sem dúvida exacerbada em países multilíngües onde, como resultado de longos períodos coloniais, uma língua estrangeira tornou-se e permanece como língua franca, a segunda língua, não a língua-mãe, a Palavra natal do habitante. Poderíamos aceitar que uma pessoa que dominasse o alfabeto não fosse capaz de ler e escrever a língua franca com tanta confiança e com a mesma precisão que a sua própria língua. Mas o famoso escritor e acadêmico professor Es'kia Mphahlele disse-me que os sul-africanos negros saem da escolarização semi-alfabetizados na leitura e escrita de suas próprias línguas-mães, tanto quanto os sul-africanos brancos e os de outras origens etnolingüísticas são semi-letrados nas suas. Ser capaz de ler a legenda de um cartaz de propaganda e os diálogos nos balões de uma história em quadrinhos do *Spaceman*, embora incapaz de compreender o vocabulário de um poema ou de acompanhar na prosa literária as variações significativas da sintaxe, o uso das palavras de modo a abrir uma nova compreensão profunda de si próprio – isto não é alfabetização. Não é o que todo indivíduo deveria ter por direito humano.

Os países em desenvolvimento, embora com mais motivos para produzir apenas o meio caminho para a alfabetização, não estão sozinhos nessa situação cultural. Universidades dos

Estados Unidos relatam os mesmos resultados em seu sistema educacional, um reflexo dos valores culturais atuais de sua sociedade. Na Grã-Bretanha, vê-se o mesmo desânimo nos homens e mulheres jovens, nascidos e educados no país de origem da língua inglesa, que não sabem ler e escrever usando os grandes recursos de sua língua-mãe.

Assim, embora a pobreza e a falta de oportunidades educacionais possam ser responsabilizadas pelo grande abismo em nosso mundo que é o analfabetismo, essa situação trágica não é a principal causa, tampouco a justificativa para o fenômeno difuso do analfabetismo funcional.

O fato é que estamos juntos – todos os países há muito desenvolvidos ou aqueles que lutam para se desenvolver e vencer o abismo entre as nações ricas e pobres – na luta contra a ameaça da Imagem *versus* Palavra Escrita. Desde os anos 30 do século XX, a imagem desafia o poder da palavra escrita como estímulo à imaginação, à abertura da receptividade humana. A história contada à hora de dormir durante a infância de classe média foi substituída pela hora defronte à tela da televisão; nas favelas dos países pobres do mundo, as antenas de TV significam uma tela que funciona a bateria, onde não é possível encontrar um só livro. Bibliotecas escolares e comunitárias não existem nas aldeias e cidadezinhas onde há videolocadoras. Sim, imagens de TV são acompanhadas pela palavra falada, às vezes por textos, mas é na imagem que se decide o quão secundário o papel da Palavra será.

O escritor norte-americano William Gass define bem a Palavra Escrita, em seu lar, o livro: Não podemos entender o que é um livro e por que um livro tem o valor de muitas pessoas... se esquecemos quão importante para ele é seu corpo, o prédio que foi construído para manter todas as suas linhas de linguagem seguramente reunidas... Palavras em uma tela têm qualidade virtual, com certeza... mas não têm materialidade, são apenas sombras e, quando muda a luz, desaparecem. Fora da tela não existem como palavras. Não esperam para serem revistas, relidas: só esperam para serem refeitas, reacesas.

Sim, a imagem do texto, da Palavra, desaparece fora da tela; para recuperá-la, juntamente com os outros recursos visuais, é preciso ter um aparelho, uma célula, uma bateria, acesso a uma conexão de eletricidade. O livro não precisa de nada disso. Basta apenas segurá-lo nas



mãos e ele pode ser lido, reaproveitado uma e outra vez, num ônibus, no metrô, no banheiro, no alto de uma montanha, numa fila.

Não se trata de uma veleidade qualquer ou de querer ser contra o progresso. Os grandes avanços na tecnologia das comunicações representam uma revolução na informação que tem enormes possibilidades para o desenvolvimento social se forem bem usados, isto é, se se tornarem economicamente disponíveis para os milhões de pessoas no mundo cujas vidas serão, de outra maneira, esmagadas pela oligarquia financeira da globalização.

Porém, a informação não será jamais capaz de substituir o conhecimento – a busca do conhecimento intelectual e do espírito humano, todos os leitores sabem, vem em conjunto com a Palavra em sua morada totalmente portátil, disponível entre duas capas, duras ou não.

Primeiro, foi o livro que virou filme.

Agora é o livro que virou site da web.

Não deixe que isso aconteça.

# NIGÉRIA

**WOLE SOYINKA** é teatrólogo, ganhador do Prêmio Nobel, poeta e romancista. Nascido na Nigéria, Soyinka é considerado por muitos como o melhor escritor africano. Sua obra é um registro do tumulto político da África do século XX e da luta para reconciliar a tradição com a cultura moderna. Soyinka publicou

mais de quarenta obras em uma carreira que se estende sobre cinco décadas, incluindo, mais recentemente, *Ake: The Years of Childhood* e *You Must Set Forth at Dawn: A Memoir* (2006). Foi nomeado embaixador da Boa Vontade em 1994, pela UNESCO.



## ESTOU INDO PARA A ESCOLA

– Estou indo para a escola – anunciei um dia. Virou piada que passou de boca em boca, produzindo gargalhadas instantâneas.

– Espere até ter a idade de sua irmã – disse minha mãe, tentando me consolar.

O burburinho de vozes, uma vez os alunos dentro dos prédios, assumia tonalidades misteriosas. Pelas janelas abertas da sala de aula eu via cabeças concentradas, a figura majestosa do professor, entrando e saindo de meu campo de visão, murmurando encantamentos para a platéia atenta. Versos diversos irrompiam de partes diferentes do prédio, às vezes até mesmo cantorias, acompanhadas de um harmônio. Quando os rituais lá de dentro terminavam, eles saíam em diferentes grupos, jogavam, corriam, espalhavam-se pelo pátio recolhendo o lixo, varrendo os caminhos, aparando os gramados e retirando ervas daninhas dos canteiros de flores. Caminhavam por toda parte com enxadas e cutelos, vassouras e gravetos, recolhiam-se a uma oficina em uma cabana aberta onde teciam cestos, esculpam pedacinhos de madeira e de bambu, amassavam argila e a transformavam em objetos com formas estranhas.

Sob os olhares ansiosos de tia Lawanie, eu brincava sozinho na calçada de nossa casa e observava essas atividades variadas. Os instrumentos do ar livre transformavam-se novamente em livros, cadernos, lousas, livros debaixo do braço, em pequenas caixas de madeira ou de estanho, livros em bolsas de ráfia, amarrados com barbante e carregados na cabeça ou a tiracolo, em sacos de tecido. Frente à nossa casa ficava o gramado usado exclusivamente pelas meninas da outra escola. Elas formavam círculos, corriam uma atrás da outra para dentro e para fora dos círculos, lutavam pela posse de uma bola e jogavam-na através de



um aro de ferro preso a uma tábua. Depois desapareciam no interior de uma sala de aula, livros apareciam e elas próprias observavam os rituais misteriosos.

Tinu ficara ainda mais presunçosa. Minha antiga companheira de brincadeiras entrara num mundo novo e, embora ainda brincássemos juntos, agora tinha um terreno novo para se vangloriar. Toda manhã era acordada mais cedo do que eu, lavada, alimentada e levada à escola por uma das crianças mais velhas da casa. Meus brinquedos e jogos logo perderam a graça, mas as risadas ainda doíam, assim, não pedi mais para ir com Tinu à escola.

Em vez disso, certa manhã acordei quando ela estava sendo chamada, pedi para tomar banho ao mesmo tempo, comi, escolhi a roupa que eu achei mais parecida com os uniformes que eu tinha visto e insisti em ser vestido com ela. Já tinha selecionado alguns livros na mesa de papai, mas ainda não os havia pegado. Esperei na sala da frente. Quando Tinu passou com seu acompanhante, fiquei olhando até eles saírem de casa, esperei alguns momentos, peguei os livros que escolhera de antemão e os segui. Nossos pais ainda estavam na sala de jantar. Acompanhei-os a uma distância discreta, de modo a não ser percebido até chegarmos à escola dos pequenos. Esperei à porta, vi onde Tinu estava sentada, depois me aproximei e subi no banco ao lado dela.

Só então Lawanie, a acompanhante de Tinu naquele dia, me viu. Ela soltou um grito de susto e me perguntou o que eu achava que estava fazendo. Ignorei-a. Os professores ouviram a confusão e entraram na sala. Eu parecia ter me transformado em motivo de riso para todos. Olhavam para mim, apontavam e seguravam a barriga, sacudindo-se para frente e para trás com as risadas. Um homem que parecia ser o responsável pela turma dos menores entrou a seguir, era amigo de nosso pai e frequentemente ia à nossa casa. Eu o reconheci, e fiquei feliz ao ver que ele não ria com os outros. Em vez disso, ele parou à minha frente e perguntou:

– Você veio fazer companhia à sua irmã?

– Não. Eu vim para a escola.

Então olhou para os livros que eu tirara da mesa de papai.

– Esses livros não são de seu pai?

– São. Eu quero aprender com eles.  
– Mas você ainda não tem idade para isso, Wole.  
– Tenho três anos de idade.  
– Três anos, quem? – interrompeu Lawanie. – Não ligue para ele, senhor, só vai fazer três em julho.

– Tenho quase três. De qualquer modo, eu vim para a escola. Tenho livros.

Ele se voltou para o professor da turma e falou:

– Anote o nome dele na chamada. – Depois se virou para mim e disse. – É claro, você não precisa vir à escola todos os dias. Venha só quando tiver vontade. Pode ser que acorde amanhã e ache que prefere brincar em casa...

Olhei para ele, um pouco espantado. Não ter vontade de vir para a escola! Os mapas coloridos, as canetas, lousas, tinteiros em buracos redondos, bem ordenados, lápis de cor e livros de desenho, uma prateleira cheia de objetos modelados – animais, seres humanos, implementos – rafia e material de cestaria em diversas etapas de produção, até mesmo o quadro-negro, giz e apagador... Eu nunca vira uma sala de brinquedos mais convidativa! Além disso, eu fizera uma conexão vaga e intuitiva entre a escola e as pilhas de livros com os quais meu pai parecia comungar tão religiosamente na sala da frente e que constantemente eram arrancados de mim assim que minhas mãos cresceram o suficiente para alcançá-los na mesa.

– Eu virei todos os dias – declarei, cheio de confiança.

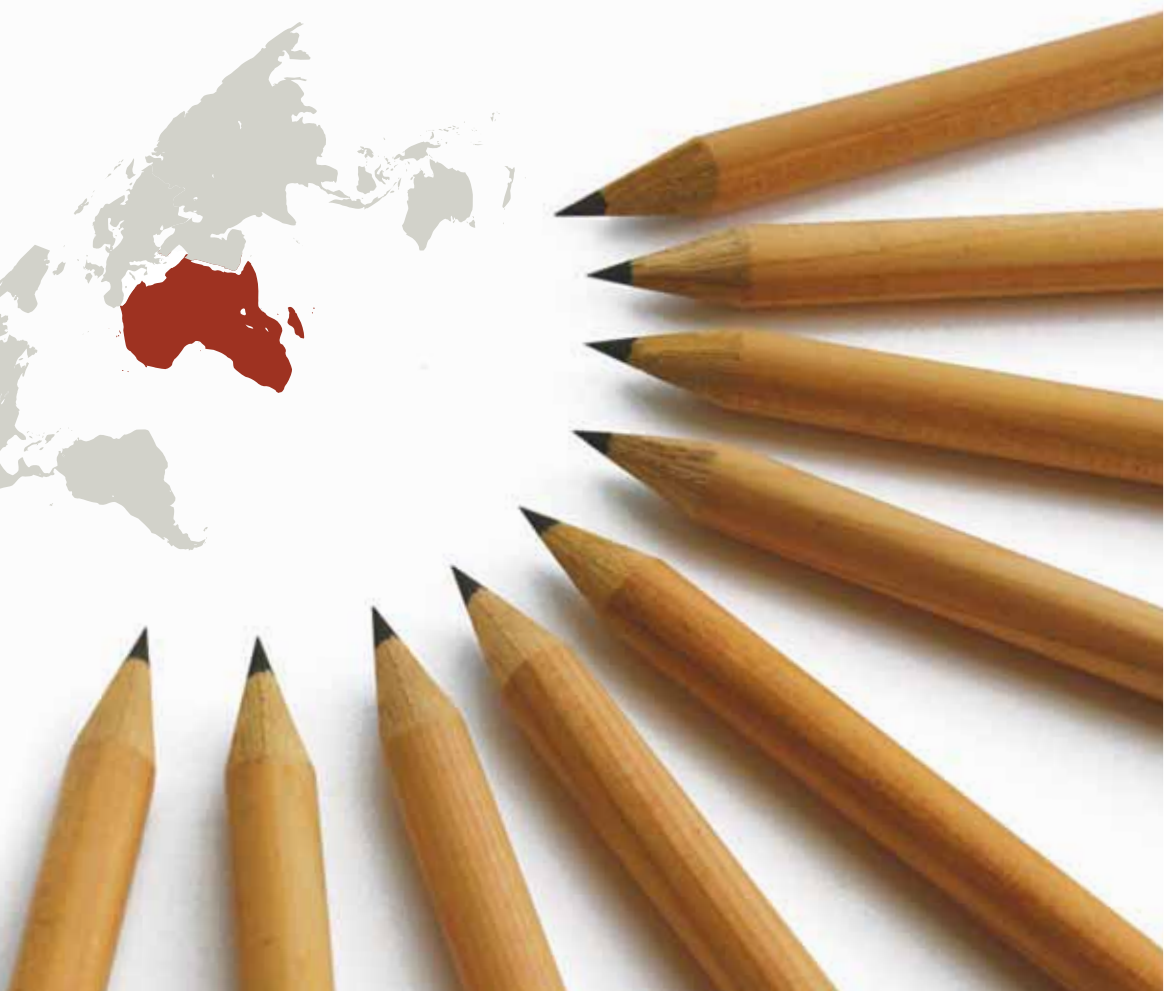


# D J I B U T I

## **ABDOURAHMAN A. WABERI**

nasceu em 1965 em Djibuti. Deixou seu país em 1985 para continuar seus estudos na França. Autor de romances, ensaios e novelas, ele esboça em sua obra o retrato em caleidoscópio de sua região arrasada por convulsões políticas,

pela fome e pelas guerras. Seu terceiro romance, *Aux États-Unis d'Afrique* (2006), é um espelho voltado para o Ocidente, uma epopéia e um panfleto que deixa o mundo às avessas e escancara nossos preconceitos.



“ Ler e ler, em seguida escrever e escrever ”, eis em duas palavras multiplicadas por dois o conselho que dou aos inúmeros jovens djibutianos ou, mais amplamente, aos africanos que me perguntam como se tornar escritor. Devo dizer de passagem que mais da metade da população de Djibuti tem menos de 16 anos, o que dá a dimensão da responsabilidade que recai sobre cada um dos membros da sociedade. Ler e escrever, esse é o caminho dos que se propõem a encurralar, contra ventos e tempestades, as paixões do espírito. Nunca é demais lembrar que nós somos oriundos essencialmente (mas não exclusivamente) de culturas da oralidade. Culturas bastante ricas em poetas, cantores e outros mascates de “ palavras suaves como a seda ”, os *sheeka-xariiro* caros aos saudosos Hassan Sheikh Moumine e Hamad La’ade.

A propósito, esses dois grandes homens passaram para a posteridade graças ao trabalho do linguista francês Didier Morin, do Centre National de la Recherche Scientifique (CNRS)<sup>1</sup>, ainda sob suspeição, passadas mais de duas décadas, aos olhos das autoridades locais, que deveriam ser logicamente aliadas naturais, pois trabalhando para a defesa das línguas e das culturas autóctones. Na terra de Qoryare<sup>2</sup>, Qarshile e dos Dinkara (a quem rendemos graças também), escrever é, então, uma coisa recente, muito recente. Para poder escrever serenamente, basta se armar de paciência, trabalhar tanto de dia quanto de noite e para isso se abster do calor amigável e barulhento do *mabraze* (cômodo onde em cada casa se masca o *khat*), onde a palavra desatada, inteligente ou repetida, porém sempre volátil, brota certamente, mas, infelizmente, não encontra qualquer suporte onde agarrar-se nem que fosse até o dia seguinte. Até o momento, raras são as páginas de caderno, os filmes, as telas de

1. NT. Centro Nacional de Pesquisa Científica.

2. Qarshile e Qoryare são dois cantores populares. Dinkara é o nome de um grupo de cantores célebres em Djibuti.

vídeo ou os espaços picturais que conseguiram conservar a palavra “mabraziana” para transmiti-la às gerações futuras. O que acontecerá em um futuro próximo, tenho certeza. Escrever e ler. Ler, ler muito para talvez um dia escrever. Escrever, escrever muito porque o que acabamos de ler sobre tal ou tal assunto não nos sacia.

Como muitos escritores das jovens nações do recém-falecido Terceiro Mundo, voltei-me para a escrita porque aqueles que haviam escrito sobre meu país, meu povo ou minha cultura (coloco doravante aspas de chumbo em todas essas noções) nem sempre me satisfizeram. Desde então, se conhece o olhar desconfiado de Chinua Achebe a respeito da obra, aliás sublime, de Joseph Conrad. De minha parte, eu ficava freqüentemente a ver navios. As aventuras marítimas do senhor Henry de Monfreid, para citar apenas ele, não são dignas da mais pueril das criancices – as *sheeka carruureed*, como se diz em somali. Entretanto, não pretendo, evidentemente, dar inteira satisfação a todos aqueles que me lêem ou que me lerão. Pretendo trazer, simples e modestamente, minha contribuição para compartilhá-la com todos, compatriotas, amigos, hóspedes de passagem e estrangeiros, com certeza. Para mim, ler e escrever é mais do que uma diversão: é participar – lamento, mas vou usar um grande chavão – da construção da Nação. Ler e escrever é também uma maneira de viver. De derivar entre o aqui e o algures, dois lugares cada vez mais fugidios, indistintos, brilhantes de mil luzes paradoxais. Continuei a avançar recostado na balaustrada da escrita, a titubear nas volutas da poesia recitada, traduzida ou escrita, na maioria das vezes em francês. Eu me enterrava nas cinzas da língua de Paul Celan: “Não busque nos meus lábios tua boca / nem frente ao portal o estrangeiro / nem no olho a lágrima...”<sup>3</sup>. Isto falava, mexia e consolava o estudante estrangeiro que eu era no final dos anos 1980 e que não deixei de ser.

Foi assim que com menos de 30 anos passei a fazer parte do currículo escolar de meu país. Foi assim que os futuros universitários suaram sangue e água em meados de junho com as minhas novelas, por ocasião das provas do *baccalauréat*<sup>4</sup>, que, continua ainda hoje, 28 anos após a independência, em francês e homologado pela Academia de Bordeaux, de Rouen ou de Besançon. Estranho desvario.

3. CELAN, P. Cristal: poemas escolhidos pelo autor. In: \_\_\_\_\_. Poésies. Paris: Gallimard, 1998. p. 65.

4. NT. Exame de conclusão do 2º grau.

Então, o que ler? Eu, oriundo de uma família pobre e sem livros com exceção de um exemplar do Corão todo rasgado e raramente aberto, nada li, ou quase nada, em minha própria casa. Vivi uma infância esquizofrênica entre dois mundos totalmente separados, dividido entre a família e a escola. A leitura (em francês, com certeza) era feita na escola primária por intermédio de uma professora sensível que nos iniciou no romance de aventura no terceiro ano primário. Eugène Sue e seus *Mystères de Paris*, o grande Alexandre Dumas (*Os três mosqueteiros*) e o cantor Victor Hugo (*Os miseráveis*) foram nossos primeiros campos verdes. Mais tarde, na confusão da vida, li tudo o que me caía nas mãos e chegava à periferia onde vivia: um exemplar de *Paris Match* do mês anterior, um *Nous Deux* úmido pelas lágrimas das colegas, um *Blek Le Roc* usado, um *Reader's Digest* surgido de não se sabe mais onde, um San Antonio ou um Gérard des Villiers, a depender da clemência divina. Adolescente, eu percorria a pé os dois ou três quilômetros que me separavam da única biblioteca do país, a saber o Centro Cultural Francês Arthur Rimbaud (CCFAR) situado no centro da cidade. Depois de ter saqueado as prateleiras das histórias em quadrinhos, ataquei as leituras ditas sérias, pelo menos nessa época da minha vida, que incluíam tanto Albert Camus quanto Christiane Rochefort. No liceu, fiz outras descobertas no "Clube de Leitura" mantido pelo meu professor de francês e freqüentado principalmente pelas moças. Meus amigos voltados para as disciplinas sérias (matemática, ciências físicas) menosprezavam abertamente minhas leituras e meu clã feminino. Foi somente na França que descobri plenamente os escritores francófonos e anglófonos da África, do Caribe, da Índia, da França ou do mundo inteiro (de Nuruddin Farah a Derek Walcott, de Mario Vargas Llosa a John Maxwell Coetzee, de Walter Benjamin a Joseph Roth, de Michel Le Bris a Jacques Lacarrière, de Pierre Bergounioux a Tahar Bekri), em suma, esses viáticos me encantaram e me aliviaram o fardo da vida. Em nenhum instante desconfiei que alguns desses autores que tanto admirava pudessem um dia se tornar conhecidos, colegas, ou melhor, amigos, como Nuruddin Farah. Transpus alegremente a barreira que separa o ler e o escrever. Ler e escrever, as duas vias da minha vida.



**FATOU DIOME** nasceu em 1968 no Senegal. Ela vive em Estrasburgo, na França, desde 1994. É autora da coletânea de contos *La Préférence Nationale* (2001) e de dois romances, *Le Ventre de l'Atlantique* (2003) e *Ketala* (2006), que alcançaram grande sucesso de público. É apresentadora do programa literário *Nuit Blanche* no canal France 3 Alsace.





## O PROFESSOR PRIMÁRIO

Claro que me lembro dele.

Era o senhor Ndétare, professor já envelhecido. O rosto era como uma lâmina, as mãos como um forçado e as pernas longas como pernas de pau para lhe permitir ser o funcionário mais devotado até nos confins do país, lá onde o Estado se contenta em desempenhar papel de figurante. Ndétare se distinguia dos demais moradores da ilha por sua silhueta, seus modos, seu ar cidadão, seu jeito europeu, seu francês acadêmico e sua fé absoluta em Karl Marx, cuja obra citava por capítulo. Sindicalista, era também diretor da escola primária do povoado há quase um quarto de século, desde que o governo, tendo-o considerado um agitador perigoso, o havia enviado para a ilha, dando-lhe a missão de instruir filhos de proletários.

Claro que me lembro dele.

Devo a ele Descartes, devo a ele Montesquieu, devo a ele Victor Hugo, devo a ele Molière, devo a ele Balzac, devo a ele Marx, devo a ele Dostoïevski, devo a ele Hemingway, devo a ele Léopold Sedar Senghor, devo a ele Aimé Césaire, devo a ele Simone de Beauvoir, Marguerite Yourcenar, Mariama Bâ e os outros. Devo a ele meu primeiro poema de amor escrito escondido, devo a ele a primeira canção francesa que cantarolei, porque devo a ele meu primeiro fonema, meu primeiro *monema*, minha primeira frase francesa lida, ouvida e compreendida. Devo a ele minha primeira letra francesa escrita de través em meu pedaço de ardósia quebrada. Devo a ele a escola. Devo a ele a instrução. Enfim, devo a ele minha *Aventure ambiguë*. Por não parar de importuná-lo, ele me deu tudo: as letras, os números, a chave do mundo. E por ele ter satisfeito meu primeiro desejo consciente, ir à escola, devo a ele todos os meus primeiros passos de *french cancan* em direção à luz.



A sala de aula do senhor Ndétare nunca estava fechada. Porém, eu não tinha o direito de entrar, pois não estava matriculada. Curiosa, sobretudo intrigada pelas palavras que seus alunos pronunciavam à saída das aulas – as canções melodiosas que não eram as da minha língua, mas de outra que eu achava igualmente doce de ouvir – eu queria descobrir o gênio que ensinava às crianças escolarizadas todas essas palavras misteriosas. Então, trapaceei, roubei, menti, traí a pessoa que eu mais amo no mundo: minha avó! Perdão, bom Deus, perdoe-me, mas foi por uma boa causa, senão eu jamais poderia ter lido seu nome em todos os livros sagrados. Obrigada!

Trapaceei: a casa de meus avós ficava em frente da escola primária. Quando acompanhava minha avó ao jardim, eu a ajudava comportadamente a regar as plantas, em seguida esperava que ela estivesse ocupada a cuidar de seus tomates, couves, cebolas e outros legumes; então, fingindo ir descansar embaixo do coqueiro na entrada do jardim, eu desaparecia discretamente. Desenterrava minha ardósia quebrada, recolhida do lixo, e meus pedaços de giz – eu escondia tudo em um talude em frente ao jardim – então, discretamente ia para a escola.

Roubei: para comprar giz, bastava-me tirar algumas moedinhas de minha avó. Ela guardava seu porta-moedas, uma pequena bolsa de algodão costurada à mão, debaixo do travesseiro.

Menti: quando voltava, algumas horas mais tarde, inventava uma história que rapidamente mostrava suas falhas, e a pobre senhora repetia seu sermão, muito habitual para que eu me preocupasse.

– Bem... Da próxima vez você me avisa, tá bom? Entendeu? Se você tiver a coragem de recomeçar, eu farei com que se arrependa. De acordo?

Na escola, a sala de aula do senhor Ndétare, já lhes disse, nunca estava fechada. Eu entrava; havia um lugar vazio no fundo, eu me instalava ali, discretamente, e escutava. Ele escrevia letras ou números estranhos no quadro e mandava copiar. Eu copiava. Depois vinha o momento em que ele chamava os alunos para ir ao quadro, um de cada vez; quando todos haviam ido, eu decidia por minha conta que era a minha vez. O senhor Ndétare melindrava-se, abria suas pernas de compasso gigante e se dirigia para mim.

– Dê o fora, imediatamente! Vamos, saia, você não está matriculada!

Eu saía correndo. Assim que ele voltava a se sentar atrás de sua escrivaninha, eu retomava meu lugar na última carteira. Era ainda a época do método CLAD, o professor devia fazer os alunos repetirem as palavras, as frases ditas por um gravador. Assim que todos tinham acabado, eu também repetia espontaneamente, e a confusão recomeçava. Não agüentando mais, o senhor Ndétare colocou meu nome a lápis no final de sua lista oficial e, desde então, decidi me passar todos os exercícios como aos outros alunos. Não me expulsava mais, ao contrário, ele me dedicava especial atenção. Vendo que eu me virava bem, um dia me pegou pela mão:

– Venha, vamos falar com sua avó.

– Não, não! Não quero, não posso! Ela não sabe que ainda venho aqui! Solte-me! Solte-me!

– Então ela vai saber agora!

Ela acabava de voltar de seu jardim. Sentada em um banco, esvaziava sua cesta cheia de legumes.

– Mas o que você fez desta vez? Eu te procurei por toda parte, onde você estava?

– Na escola, respondeu o senhor Ndétare.

– Mas, enfim, quando é que você vai me obedecer? Quantas vezes vou ter que repetir?

A escola não é lugar para você!

– Exatamente, senhora Sarr, é sobre isso que vim conversar com a senhora.

– Sim, eu sei, ela não me ouviu, desta vez lhe garanto que ela não irá mais importuná-lo.

– Não, não, não é por isso que estou aqui. Penso que a senhora deveria deixá-la ir à escola. Vim pedir-lhe a certidão de nascimento dela para que eu possa matriculá-la, caso a senhora concorde.

Ela me olhou, estupefata. Aqui, desconfia-se dos funcionários. Nunca se sabe o que eles podem ir contar para as autoridades. Contrariar um professor, um auxiliar do Estado, sobretudo numa época em que o governo estimula a escolarização em massa, ninguém ousaria. Ndétare sabia que ele devia continuar a bater na mesma tecla:



– A senhora sabe, ela se sai muito bem, e depois isto seria mesmo melhor para ela. Em um futuro próximo, os analfabetos não poderão progredir neste país sem a ajuda de alguém. Confesse que é difícil ter que pedir a ajuda de alguém para redigir uma carta, preencher documentos, para lhe acompanhar nos escritórios para qualquer procedimento administrativo. Além do mais, determinada como ela é, é bem capaz de conseguir diplomar-se.

Após um momento de silêncio, a decana pronunciou seu veredicto.

– Bem, estou de acordo. Pelo menos, mais tarde, quando for à cidade sozinha, ela poderá reconhecer os números dos ônibus e ler o nome das ruas. Ndakarou, nossa capital, tornou-se uma cidade de Toubab. Isso evitará que se perca, como, às vezes, acontece comigo.

Essa reflexão não me provocou reação alguma. Para mim, essa senhora que me ensinava tudo da vida com certeza sabia ler e escrever. Não importa de onde venha, a convicção íntima será sempre mais poética, mais forte e mais tranquilizadora que a realidade.

Ela foi para o seu quarto, abriu uma mala e voltou com um maço de papéis que estendeu para o professor. Após uma minuciosa triagem, ele parou, perplexo:

– A senhora tem duas netas com o mesmo nome?

– Não. Por quê?

– Encontrei duas certidões com o mesmo nome, do mesmo ano, mas o mês é diferente. A menina é de março ou junho?

– Ela nasceu no mês das primeiras chuvas, bem no início da internada, no ano em que os estudantes saquearam a capital.

O senhor Ndétare sorriu e se despediu educadamente.

Eu continuava a freqüentar as aulas, sem estar verdadeiramente matriculada. No ano seguinte, um parente que ia matricular a própria filha falou com o professor sobre minha matrícula e ajudou minha avó a regularizar minha situação escolar. Na sorte, decidiu-se a data do meu nascimento pelo mês das primeiras chuvas.

Pouco a pouco, minha avó se apaixonou por meus estudos. Eu continuava a pensar que ela sabia ler e escrever, pelo tanto que acompanhava meus deveres de casa sob a luz do

abajur. Com os cotovelos na mesa da sala de visitas, eu lia meus deveres em voz alta, depois fechava os olhos para tentar recitá-los. Assim que suspeitava de uma hesitação, ela ordenava veementemente:

– Releia de novo, várias vezes e trate de recitar isso melhor.

Então eu recomaçava, inúmeras vezes, até que ela ficasse satisfeita com a fluidez da minha leitura e da recitação. Essa atividade animou nossas noites durante muito tempo. Um dia, voltando da escola, corri para ela com meu caderno de redação aberto na página certa:

– Olhe, mamãe! A nota da minha redação!

– Deu uma olhadela e me deu um tapa, sem preâmbulo.

– Mas por que você me deu um tapa? Eu sou a primeira da turma e você não está contente!

– Chega de mentir! – gritou ela - Eu vi muito bem, tem vermelho por toda parte. Isso quer dizer que sua nota é ruim!

– Não é não! Não!

Voltei à escola para procurar o senhor Ndétare, que estava ocupado arrumando seu apartamento funcional. Ele veio comigo e explicou para minha avó minhas notas com uma profusão de elogios. Lamentando, sem dúvida, o tapa injusto que acabava de me dar, ela olhou para o chão e quase suplicou:

– Ah, vocês dois, deixem-me em paz com essas histórias de escola! Eu não entendo nada a respeito. Não sei nem ler nem escrever, então, deixem-me em paz.

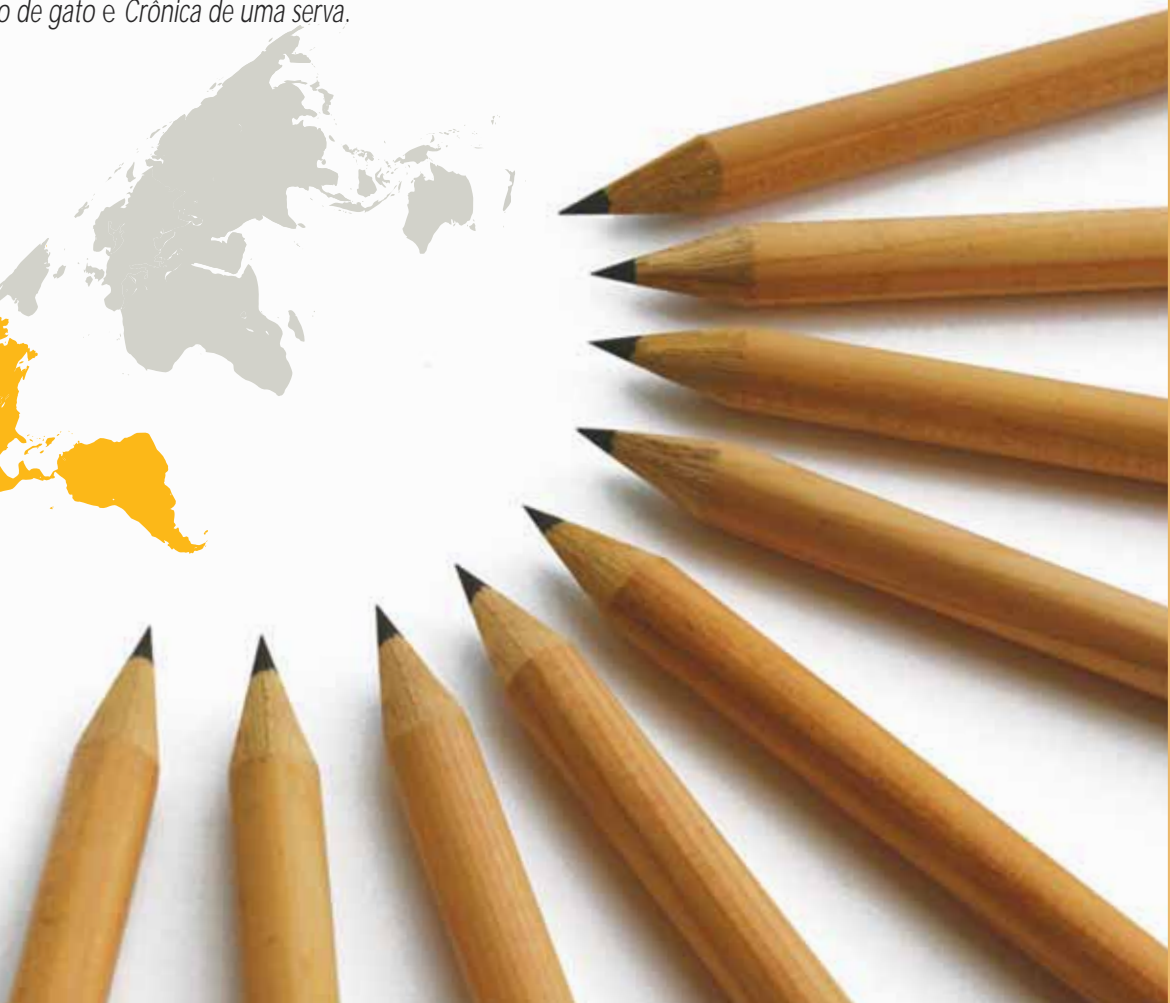
Seu rosto estava triste. Comecei a chorar. Queria continuar a partilhar com ela minhas histórias da escola, a minha história simplesmente. “Os que têm um bom guia não se perdem na floresta”, havia-me dito um dia e, desde então, só queria a ela como acompanhante. Queria acertar meus passos com os dela. Ela havia aberto para mim a porta do mundo e cantarolado minha primeira canção de ninar.



# CANADÁ

**MARGARET ATWOOD** é autora de mais de quarenta livros de ficção, poesia e ensaios críticos. Seus livros incluem o vencedor do *Booker Prize* de 2000, *O assassino cego*, *Alias Grace*, que também ganhou o *Giller Prize*, no Canadá, e o Prêmio Mondello, na Itália, *The Robber Bride*, *Olho de gato* e *Crônica de uma serva*.

Seu livro mais recente, *Curious Pursuits*, uma coleção de ensaios, resenhas e prosa pessoal, foi publicado em 2005. Margaret Atwood vive em Toronto, com o escritor Graeme Gibson.



## MULHER POBRE APRENDE A ESCREVER

Ela se agacha, pés descalços  
esparramados, não  
graciosa; saias enroladas nos tornozelos.

Rosto enrugado e vincado.  
Parece velha,  
mais velha que o tempo.

Provavelmente tem trinta anos.  
As mãos também são enrugadas e rachadas  
e desajeitadas. Os cabelos escondidos.

Escreve com um pauzinho, laboriosamente  
na terra úmida e cinzenta,  
franzindo o cenho de ansiedade.

Belas letras grandes.  
Pronto. Terminou.  
Até agora, sua primeira palavra.

Nunca pensou que seria capaz.  
Não ela.  
Isso era para os outros,

Ergue os olhos, sorri  
como se pedisse desculpas,  
mas não se desculpa. Desta vez não. Fez certo.

O que diz o barro?  
Seu nome. Não conseguimos ler.  
Mas podemos adivinhar. Olhe para a cara dela.

Flor Feliz? Radiante? Sol na Água?

#### FILHA DE ALGUÉM

*Poucos se lembram de que aprender a ler e escrever é uma das maiores vitórias na vida.*

Bryher<sup>1</sup>

*Akluniq ajuqsarniqangilaq:*

*Em tempos de escassez, há muitas oportunidades para pensamentos inovadores.*

Ditado inuit<sup>2</sup>, de Nunavut, Canadá

Há algum tempo, a UNESCO me pediu para escrever alguma coisa para promover a alfabetização. Por uma grande coincidência, já me achava envolvida num programa de escrita e leitura – Filha de Alguém, um acampamento de duas semanas realizado em Nunavut, no Ártico canadense. Assim, como ler e escrever jamais são aprendidos fora de contexto, mas sob condições locais específicas, vou contar-lhes um pouco sobre o programa.

A vida nunca foi fácil para os povos do extremo norte. Por muitos séculos, eles viveram em um dos climas mais inclementes da Terra: sem árvores, sem agricultura, frio extremo e

1. BRYER. *The Heart to Artemis: a writer's memoirs*. Ashfield, MA: Paris Press, 2006. p. 14.

2. Inuites (também chamados de inuit) são os membros da nação indígena esquimó.

escuridão durante muitos meses do ano. Usando instrumentos feitos de pedra e ossos, roupas feitas de peles, dependendo muito do peixe e da carne de focas, das renas, dos ursos polares, das morsas e baleias; possuíam uma cultura muito afinada com seu meio ambiente. Nessa cultura, homens e mulheres eram interdependentes: os caçadores forneciam a maior parte da comida, mas o vestuário era feito pelas mulheres e, se não fosse muito bem feito, o caçador podia morrer: um *kamik*<sup>3</sup> rasgado significava um pé congelado. Sabia-se que cada parcela de habilidade era necessária à sobrevivência de todos, e cada um era respeitado.

Então chegaram os europeus, e com eles a reunião de um povo nômade em povoados e a exposição a muitos dos mais negativos aspectos da cultura “branca”, incluindo a bebida em excesso e violência contra as mulheres; houve ruptura com os meios tradicionais e um perceptível aumento de suicídios. As crianças foram obrigadas a freqüentar escolas residenciais, num esforço para encaixá-las à força no século XX, e duas gerações sofreram extremo choque cultural. Um dos piores efeitos disso foi a fratura da família. Na antiga cultura, os filhos aprendiam as habilidades de caça com os pais e tios; as filhas, as habilidades de costura com mães e tias, mas agora muitos jovens tornavam-se órfãos culturais. Ainda existem diversos idosos, tesouros vivos, que se lembram dos velhos métodos – e Filha de Alguém visa à reintegração de gerações.

Filha de Alguém é dirigido por Bernadette Dean, coordenadora de Desenvolvimento Social para o distrito de Nunavut. O nome inuit de Bernadette, Miqqusaaq – mica, ou rocha cintilante – a descreve muito bem: cintilante e límpida, mas dura por dentro. Como muitos que enfrentam problemas sociais similares, Bernadette sabe que para melhorar a saúde geral de uma comunidade e de suas famílias, o bem-estar e a confiança das mulheres tem que ser promovido.

Filha de Alguém organiza acampamentos de duas semanas para mulheres na casa dos vinte, trinta e quarenta anos de idade que jamais tiveram a oportunidade de aprender a costura tradicional inuit. A maioria passou por tragédias, violência ou separação de suas famílias. Bernadette explicou-me o nome do programa: “Nem todas são esposas, nem todas

3. Kamik é uma bota inuit tradicional





são mães, nem todas são avós, mas toda mulher é filha de alguém.” Assim, as participantes têm de imediato a sensação de pertencimento ao grupo.

As “filhas” vão para o acampamento com um grupo de anciãs e professoras. Ficam em barracas e confeccionam uma peça de roupa à moda antiga, raspando, esticando e amaciando a pele de animal primeiro, depois cortando o molde com uma faca curva de mulher, ou *ulu*, e costurando com tendões de animais – o melhor fio, aquele que se expande na água, torna a peça do vestuário à prova d’água. É difícil descrever a alegria que aprender essa habilidade proporciona.

No entanto, a melhora da capacidade de leitura e escrita também faz parte do programa, pois Nunavut se encontra no mesmo século XXI que todos nós. Computadores e empregos em escritórios agora são comuns, e por intermédio deles, e do dinheiro que podem proporcionar, precisa-se de alfabetização. Foi por isso que duas escritoras foram convidadas a unir-se ao grupo: eu e Sheree Fitch, autora de livros infantis que estivera ali nos dois verões anteriores. Ambas nos sentíamos muito felizes por estar lá.

Mas como ensinar a escrita a mulheres cuja experiência escolar talvez tenha sido bem negativa? Sheree me havia dito que poderia ser muito difícil convencer as mulheres a levar a caneta ao papel; talvez por timidez ou por medo de escrever; ou quem sabe não vissem motivo algum para fazê-lo.

O acampamento desse ano era na costa da Ilha de Southampton, situada no alto da Baía de Hudson, um território tão grande quanto a Suíça. Ela abriga um povoado, Coral Harbour, com menos de mil habitantes, cerca de duzentas mil renas e uma vibrante população de ursos polares. Viajamos de Coral Harbour até o acampamento em uma embarcação de dez metros de comprimento – uma viagem de quase cem quilômetros que levou mais de cinco horas por causa das enormes ondas.

Armamos nossas barracas num lugar espetacular – rústico e bonito, com o mar de um lado e a terra erguendo-se por trás de nós – uma série de praias com um visual ainda do século passado. No cume havia algumas habitações da cultura Dorset, com muitos séculos de idade – rochas colocadas em círculo no chão, tendo um túnel por entrada e algumas

armadilhas para raposas e túmulos nas cercanias. O solo em nosso acampamento era de pedras calcárias lisas e brancas, e assim nossas barracas não puderam ser esteadas com estacas; em vez disso, suas cordas foram amarradas a grandes pedras, um bom plano em vista dos ventos de 130 quilômetros por hora que logo sentimos.

Tínhamos conosco três exímios caçadores para nos ajudar no acampamento, fornecer comida e defender o lugar. De imediato, derrubaram uma rena, que foi esfolada e dividida em partes no ato. Parte dela transformou-se em ensopado, parte logo se transformaria em luvas e em *kamiks*; nada se perderia. Não éramos, porém, os únicos famintos da região; na hora do crepúsculo apareceu um grande e saudável urso polar macho, disposto a jantar. Os caçadores o puseram para correr em seus veículos Honda ATV, depois se revezaram na guarda a noite toda – ainda bem, já que o urso voltou quatro vezes.

– Da próxima, vai virar nosso jantar – disse um caçador. O urso deve tê-lo ouvido.

– Os mais velhos nos mandam ficar em alerta o tempo todo – fomos instruídos.

No dia seguinte, as mulheres encontraram-se com os anciãos e professores numa grande barraca comunal circular, onde receberam as peles com que iriam trabalhar.

– O que querem fazer? – perguntaram os anciãos, em inuktituk. Depois: – Para quem vai ser? – foi a pergunta seguinte. Os tamanhos variam com a idade, os moldes de acordo com o sexo. A pergunta, “Para quem?”, serviu de mote para Sheree e para mim. Durante nossa primeira aula, dissemos que a escrita, como a costura, pegava uma coisa e a transformava em outra; e que a escrita, como a costura, era sempre destinada a alguém, mesmo que esse alguém fosse você mesmo futuramente. Era uma maneira de pôr sua voz no papel e enviá-la a alguém que você conhecia, ou a alguém que talvez você nunca viesse a encontrar, mas que assim mesmo poderia ouvi-lo.

Expliquei então que eu ia escrever algo para a UNESCO. Filha de Alguém, disse eu, era parte de um movimento bem maior – um movimento destinado a melhorar a vida de mulheres no mundo todo. Algumas dessas mulheres – diferentemente do que acontecia com elas – poderiam nem ser capazes de escrever seus nomes. Assim, como primeira tarefa, pedi que escrevessem uma mensagem a essas outras mulheres. Eu seria o correio, prometi.



Vou entregar os recados.

Cada mulher escreveu uma mensagem. Todas eram positivas e encorajadoras. Aqui vai uma amostragem:

*Seja você quem for. Sou uma mulher. Orgulho-me de ser eu mesma. Você também pode se orgulhar de ser quem é. Não pense nunca que não somos ninguém. Mas nós, mulheres, somos mais bonitas por dentro e por fora porque somos sempre úteis às nossas famílias e aos outros. Pense em você como alguém capaz de fazer tudo.*

*Esta mensagem vem do Pólo Norte. Para as mulheres de todo o mundo. Cuidem-se bem, pois vocês são as mais necessárias em uma família. São o lar e assim, cuidem-se muito bem. Nós, mulheres, somos todas iguais e somos uma só. Lembrem-se, todos somos iguais e isto significa que, se ele não consegue suportar maus-tratos, você também não, mas não se esqueçam de que temos de ajudar e amar o próximo.*

*Adoraria ensinar, quando aprender mais.*

*Um recado às senhoras no mundo. Lembrem-se de que são muito amadas e que não estão sozinhas.*

*Por favor, que sua vida seja boa, e não se esqueça de que você é forte e capaz de ajudar.*

*A todas as mulheres do mundo, de alguém do Pólo Norte – não importa que aparência você tenha, você é muito especial. Sempre tenha isso em mente.*

E, finalmente:

*Aprender começa quando o aprendiz se sente seguro e em paz, proporcione uma atmosfera de segurança e conforto. E continue tentando.*

Escrever mensagens de estímulo era, em si, encorajador para os escritores. A grande barraca circular tornou-se um lugar de segurança, de paz e recuperação para as mulheres ali dentro e a escrita também se tornou – para a maioria, creio – um lugar de segurança, paz e cura. Na barraca, e também na escrita, as mulheres riram, fizeram graça e contaram histórias, e também choraram: nessa cultura, deve-se chorar – dizem – chorar alto e com outras pessoas. Chorar dessa forma nos faz sarar, disseram.

Cada mulher, com a ajuda de um ancião ou do professor particular, completou o projeto de costura que se propusera a fazer. Cada uma continuou escrevendo – para expandir sua habilidade da palavra escrita através de diários, cartas e pequenos poemas. A confiança vinha através da identidade e do feito e, no último dia, por sugestão de uma das mulheres, as “filhas” escreveram um poema conjunto, cada uma contribuindo com uma linha.

Vou usar a última linha desse poema para mostrar como a costura, a escrita e a cura vieram juntas através desse programa inspirado:

*Depois que terminei a parte difícil do kamik eu me sinto como uma águia, tão livre, capaz de voar para onde eu quiser.*



**PAUL AUSTER** nasceu em Newark, Nova Jersey, em 13 de fevereiro de 1947. Poeta, tradutor e diretor de cinema, é autor de inúmeros romances, roteiros para o cinema e obras de não-ficção. Por toda sua prosa, rica e inesperadamente onírica, Paul Auster é considerado por um grande número de críticos

como um dos maiores escritores vivos da América. Ele é mais conhecido por seus três romances policiais experimentais, *A Trilogia de Nova York: City of Glass*, 1985; *Ghosts*, 1986; *The Locked Room*, 1986. Mora no Brooklin, em Nova York, com a esposa, a escritora Siri Hustvedt.



Não precisei de muito tempo para aprender o manejo da cadeira de rodas. Aconteceram alguns trancos no primeiro dia, mas assim que aprendi a inclinar a cadeira no ângulo correto quando subíamos e descíamos meios-fios, as coisas seguiram de forma bem regular. Effing era surpreendentemente leve e empurrá-lo causava pouca tensão em meus braços. Em outros aspectos, porém, nossas excursões eram bem difíceis para mim. Tão logo saíamos, Effing começava a apontar com a bengala para o ar, querendo saber para o que estava apontando. Assim que lhe dizia, insistia em que lhe fizesse uma descrição. Latas de lixo, vitrinas, soleiras de portas: ele queria que eu lhe prestasse contas precisas dessas coisas e caso não conseguisse formular frases rápido o bastante para satisfazê-lo, explodia de raiva.

– Que diabos, rapaz – dizia – use os olhos da cara! Eu não consigo ver porcaria nenhuma e você aí cuspidando baboseiras sobre “um poste como todos os outros”, e “tampas de bueiro perfeitamente comuns”. Não existem duas coisas iguais, seu cretino, qualquer idiota sabe disso! Quero ver a coisa que você está vendo, inferno, quero que faça as coisas ganharem vida para mim!

Era humilhante ser repreendido assim no meio da rua, parado ali enquanto o velho gritava comigo, tendo de ouvir enquanto as pessoas voltavam a cabeça para ver a confusão. Por uma ou duas vezes me senti tentado a ir embora e deixá-lo ali, mas o fato era que Effing não estava de todo errado. Eu não estava fazendo um bom trabalho. Percebi que nunca adquirira o hábito de olhar atentamente para as coisas e agora que me pediam que o fizesse, os resultados eram terrivelmente inadequados.

Até então eu tivera tendência para a generalização, para ver as similaridades entre as coisas em vez das diferenças. Agora estava sendo arrastado para um mundo das particularidades e a luta para evocá-las em palavras, reunir dados rapidamente e com sensibilidade, representavam um desafio para o qual estava mal preparado. Para conseguir o que desejava, Effing deveria ter contratado Flaubert para empurrá-lo pelas ruas – mas até mesmo Flaubert trabalhava devagar, lutando às vezes por horas para conseguir que uma única frase soasse de maneira correta. Eu não só tinha de descrever as coisas corretamente, como também fazê-lo em questão de segundos. Mais do que qualquer outra coisa, detestava as comparações inevitáveis com Pavel Shum. Certa vez, quando eu me encontrava numa situação particularmente difícil, Effing começou a falar por muito tempo em seu amigo que se fora, descrevendo-o como um mestre da prosa poética, um inventor sem par de imagens corretas e deslumbrantes, um estilista cujas palavras podiam revelar miraculosamente a verdade palpável dos objetos.

– E pensar – disse Effing – que o inglês nem sequer era sua língua materna.

Foi a única vez que lhe respondi mal sobre um assunto, mas me senti tão magoado pela observação que não fui capaz de resistir.

– Se quer em outra língua – respondi – ficarei feliz em satisfazê-lo. Que tal o latim? De agora em diante vou falar em latim, se quiser. Melhor ainda, vou falar em latim vulgar. O senhor não vai sentir a menor dificuldade para entender.

Era uma idiotice o que eu dizia e Effing tratou de me colocar no devido lugar.

– Deixe de bobagem e fale, rapaz – disse ele. – Diga-me, como são as nuvens? Vamos, me dê cada nuvem no céu para o oeste. Todas, até onde puder avistar.

A fim de fazer o que Effing pedia, tive de aprender a me isolar dele. O essencial era não me sentir assoberbado por suas ordens, mas transformá-las em algo que eu mesmo quisesse fazer. Afinal de contas, não havia nada de inerentemente errado com a atividade. Se considerado da maneira certa, o esforço de descrever as coisas com precisão era exatamente o tipo de disciplina que me poderia ensinar o que eu mais desejava aprender: humildade, paciência, rigor. Em vez de fazê-lo simplesmente para cumprir uma obrigação, comecei a

considerá-lo um exercício espiritual, um processo de treinamento para eu aprender a olhar o mundo como se o descobrisse pela primeira vez. O que você vê? E se vê, como o põe em palavras? O mundo entra em nós pelos olhos, mas não podemos tirar sentido dele até que desça às nossas bocas. Comecei a apreciar quão grande essa distância era, a compreender o quanto uma coisa tem de viajar para chegar de um lugar ao outro. Em termos reais, não passa de uns cinco a sete centímetros, mas considerando-se quantos acidentes e perdas podem acontecer no caminho, pode muito bem se igualar a uma jornada da Terra à Lua.

Minhas primeiras tentativas com Effing foram desanimadoramente vagas, meras sombras vagando num pano de fundo enevoadado. Eu já vira essas coisas antes, dizia a mim mesmo, e como poderia haver quaisquer dificuldades no descrevê-las? Um hidrante de incêndio, um táxi, uma baforada de vapor jorrando da calçada – eram coisas muito conhecidas para mim, e me sentia como se as soubesse de cor. Mas o que eu não levava em consideração era a mutabilidade dessas coisas, o modo como mudavam de acordo com a força e o ângulo da luz, o modo como seu aspecto podia se alterar pelo que ocorria ao redor: uma pessoa passando, uma repentina rajada de vento, um reflexo estranho. Tudo estava num fluxo constante e embora dois tijolos numa parede pudessem parecer-se fortemente entre si, nunca poderiam ser interpretados como idênticos. Mais especificamente, o mesmo tijolo nunca foi realmente o mesmo. Estava se desgastando, imperceptivelmente se esmigalhando sob os efeitos da atmosfera, do frio, do calor, das tempestades que o atacam e, em última análise, se pudéssemos observá-lo no decorrer de séculos, não estaria mais lá. Todas as coisas inanimadas estavam se desintegrando, todas as coisas vivas, morrendo. Minha cabeça começava a latejar sempre que pensava nisso, imaginando os movimentos furiosos e caóticos das moléculas, as incessantes explosões da matéria, as colisões, o caos fervendo sob a superfície de todas as coisas. Como Effing me havia advertido em nossa primeira reunião: não tome nada por entendido. Da indiferença casual passei por um estágio de alarme intenso. Minhas descrições se tornaram por demais exatas na tentativa de captar todas as nuances possíveis daquilo que via, embaralhando detalhes numa luta maluca para não deixar nada de fora. As palavras explodiam de minha boca como balas de metralhadora, uma de agressão





em fogo rápido. Effing precisava me pedir constantemente para diminuir o ritmo, reclamando que não conseguia me acompanhar. O problema estava menos no meu desempenho que na minha abordagem geral. Estava empilhando palavras demais umas por cima das outras, e em vez de revelar as coisas perante nós, estava, na verdade, obscurecendo-as, enterrando-as sob uma avalanche de sutilezas e abstrações geométricas. O importante era lembrar que Effing era cego. Meu dever não era exauri-lo com volumosos catálogos, mas ajudá-lo a ver as coisas por si mesmo.

Em suma, as palavras não importavam. Minha tarefa era permitir-lhe apreciar os objetos o mais rapidamente possível e, para consegui-lo, eu tinha de fazê-los desaparecer no momento em que eram pronunciados. Precisei de semanas de trabalho árduo para simplificar minhas frases, para aprender a separar o supérfluo do essencial. Descobri que quanto mais ar eu deixava ao redor de uma coisa, mais feliz o resultado, pois isso permitia a Effing fazer o trabalho crucial por si próprio: interpretar a imagem com base em algumas insinuações, sentir a própria mente viajando em direção à coisa que eu lhe descrevia. Desgostoso com meu desempenho inicial, dei para praticar quando sozinho, deitado na cama à noite, por exemplo, passando em vista os objetos no quarto, vendo se eu conseguia melhorar na tarefa.

Quanto mais me esforçava, mais levava a sério o que fazia. Não o via mais como uma atividade estética, mas sim moral, e comecei a me irritar menos com as críticas de Effing, imaginando se sua impaciência e insatisfação não poderiam, em última análise, servir a um propósito superior. Eu era um monge procurando iluminação e Effing meu cilício, o chicote que me flagelava. Não creio que tivesse a menor dúvida quanto a estar melhorando, mas isso não significava que me sentisse satisfeito com meus esforços. As exigências das palavras são grandes demais para tanto; a pessoa se depara tantas vezes com o fracasso que não exulta com o êxito ocasional. Com o passar do tempo, Effing ficou mais tolerante com minhas descrições, mas não sei dizer se isso significava que estavam realmente mais próximas do que ele desejava. Talvez tivesse desistido de ter esperanças, ou talvez estivesse começando a perder o interesse. Para mim, era difícil saber. No final, poderia significar simplesmente que se tinha acostumado comigo.

**PAULO COELHO** nasceu em 1947, no Rio de Janeiro, Brasil, a cidade onde reside atualmente. Trabalhou como diretor e ator de teatro. É autor de letras de música e jornalista. Sua vida foi tão variada e incomum como a dos protagonistas de seus romances.

Seus livros incluem *O Alquimista*, *Diário de um Mago*, *O Monte Cinco*, *Onze Minutos* e *O Zahir*. Traduzidos em mais de sessenta línguas, seus romances não só chegaram ao topo das listas dos mais vendidos como também receberam numerosos prêmios.



## O MOMENTO EM QUE A MÃO SE ABRE

A mão direita começa a puxar a corda devagar, enquanto a esquerda segura o arco com firmeza. Isso requer um esforço enorme – o equivalente a levantar uma mala pesando 35 quilos ao longo de um plano horizontal – mas eu não posso tremer, preciso manter ambos os olhos abertos, os pés firmemente plantados no chão. Entro em uma espécie de transe: sou, ao mesmo tempo, o arco, a flecha e o alvo à minha frente, a 28 metros de distância.

E então, quando “sinto” que chegou o momento, minha mão se abre e a flecha parte em direção à sua meta. Desse ponto em diante, tudo o que resta ao arqueiro é contemplar seu vôo, sabendo que deu o melhor de si, que permaneceu no controle e sentiu alegria durante todo o processo do disparo da seta. Há um paradoxo óbvio: coloquei todo o meu esforço no trazer para junto de meu peito, junto de meu rosto, algo que tenho de deixar partir no momento seguinte, cujo curso não posso então modificar o mínimo que seja.

Ouçõ o telefone tocando, mas posso esperar. Estou acompanhando a flecha em seu vôo e esse vôo é similar ao momento pelo qual estou passando agora em minha carreira: meu novo livro está saindo na segunda-feira, 21 de março, dentro de quatro dias. O que o arqueiro sente depois de soltar a corda do arco, mas antes de o alvo ser atingido? O que sente o escritor quando sabe que muito em breve seu trabalho estará nas mãos daqueles a quem se destinava – os leitores, aqueles que vão mergulhar em suas páginas e compreender (ou não) as emoções que tentou compartilhar?

Se pudesse resumir em duas palavras, essas palavras seriam “empolgação” e “alegria”.

Os antigos arqueiros Zen costumavam dizer que cada flecha é uma vida e que um homem precisa respeitar esse fato. Cada livro é uma flecha, um pouco de minha vida que é revelado,

primeiro para mim, depois para meus leitores. Obviamente, publiquei livros antes, e cada um provocou uma emoção diferente em mim, mas há algo diverso em *O Zahir*: ele é mais sobre mim mesmo que qualquer um de meus outros livros, exceto, talvez, *O Diário de um Mago*. Naquele livro, segui a estrada para Santiago, procurando com ansiedade e persistência a minha espada. Agora estou compartilhando com os outros o que fiz com essa espada.

A flecha é a intenção do arqueiro: é a flecha que reúne a força do arco e a doçura do alvo. Essa intenção, portanto, deve ser clara como o cristal, direta e equilibrada. Uma vez disparada, a seta não volta, sendo, portanto, melhor interromper o disparo – caso os movimentos que levaram a ele não tenham sido suficientemente precisos ou corretos – do que agir descuidadamente, simplesmente porque o arco já estava completamente distendido e o alvo à espera.

Fiz isso muitas vezes: apaguei rascunhos inteiros de livros de meu computador porque neles eu deixara de dar clara expressão a minhas idéias e sentimentos. Mas jamais deixei de soltar minhas flechas, meu livros, simplesmente porque estava com medo de cometer um erro. Se os movimentos que fiz estavam corretos, então abro a mão e solto a corda do arco.

Se sou parte integral de cada palavra que escrevi, então as palavras não mais me pertencem, o alvo se torna um espelho, eu me vejo refletido nos olhos dos leitores.

O telefone toca outra vez, meu número particular.

Só cinco pessoas conhecem esse número e assim, dessa vez eu atendo. É Mônica Antunes, minha amiga e agente, acabando de chegar da Feira do Livro de Londres. Lá ela se encontrara com meus diversos editores, todos muito empolgados; afinal de contas, essa seria uma primeira edição de amplitude mundial, com oito milhões de cópias. Ela conta que todos concordaram em que só darei uma entrevista por país (a exceção sendo meu próprio país, o Brasil). Começa a dizer que os ingleses estão produzindo um comercial a ser exibido nos cinemas e que o editor japonês vai colocar cartazes no metrô de Tóquio.

– Isso me deu um frio no fundo do estômago, Paulo. Esses cartazes no metrô custam uma fortuna.

Prefiro terminar a conversa nesse ponto. Depois do que ela falou sobre Tóquio, não quero mais ouvir qualquer outro detalhe. Acrescento outra expressão às minhas duas palavras anteriores: empolgação, alegria e... uma sensação de frio no fundo do estômago.

Melhor voltar ao meu arco e flecha. Há dois tipos de disparo.

O primeiro é o disparo feito com grande precisão, mas sem qualquer alma. Nesse caso, mesmo que o arqueiro possa ter grande domínio da técnica, ele se concentra unicamente no alvo e, por esse motivo, não evolui, fica ultrapassado, não consegue crescer e, um dia, vai abandonar o jeito do arco, por achar que tudo se tornou mera rotina.

O segundo tipo de disparo é aquele feito com alma. Quando a intenção do arqueiro é transformar-se no vôo da flecha, sua mão se abre no momento certo, o som da corda faz os pássaros cantarem e o gesto de disparar algo por sobre a distância provoca – paradoxalmente o bastante – um retorno e um encontro consigo mesmo. Para que isso aconteça, deve-se estar ciente do esforço exigido para retesar o arco, respirar corretamente, concentrar-se no alvo, ser claro em suas intenções, manter a elegância da postura, respeitar o trabalho envolvido.

A seta não pode partir antes de o arqueiro estar pronto para o disparo, pois seu vôo seria breve demais; não pode partir depois que a postura e a concentração exatas tenham sido alcançadas, senão o corpo seria incapaz de sustentar o esforço e a mão começaria a tremer.

Deve partir no momento em que arco, arqueiro e alvo estejam no mesmo ponto do universo: isso é o que se chama inspiração.

Pondero essa palavra em *O Zahir*, pois o personagem principal é um escritor. Ora, escrever é uma das atividades mais solitárias do mundo. Uma vez a cada dois anos eu me sento à frente do computador, olho para o mar desconhecido de minha alma e vejo algumas ilhas – idéias que se desenvolveram e estão prontas a serem exploradas. Subo então em meu barco – chamado A Palavra – e parto para a ilha mais próxima.

No caminho, encontro fortes correntes, ventos e tempestades, mas continuo remando, exausto, sabendo que posso ter-me afastado do curso escolhido e que a ilha que tentava alcançar não mais se encontra no meu horizonte.



Não posso voltar, porém, tenho de continuar de algum modo, senão me perco em meio do oceano. Nesse ponto, uma série de cenários apavorantes me passa rapidamente pela cabeça, como passar o resto da vida falando em sucessos passados, ou criticando amargamente novos escritores, simplesmente por não ter mais a coragem de publicar livros novos. Não era meu sonho ser escritor? Tenho então de continuar criando frases, parágrafos, capítulos e continuar escrevendo até morrer, sem me permitir ser apanhado em armadilhas como sucessos ou fracassos. Se não for assim, que sentido minha vida teria: ir viver num moinho no sul da França ou simplesmente cultivar meu jardim? Dar palestras, pois é mais fácil falar do que escrever? Retirar-me do mundo em alguma maneira calculada e misteriosa, a fim de criar uma lenda que me privaria de muitos prazeres?

Abalado por esses pensamentos alarmantes, encontro uma força e uma coragem que não sabia que tinha: elas me ajudam a aventurar-me numa parte desconhecida de minha alma. Eu me deixo arrastar pela corrente e, finalmente, ancoo meu barco na ilha para onde estava sendo carregado. Passo dias e noites descrevendo o que vejo, querendo saber por que estou fazendo isso, dizendo a mim mesmo que realmente não vale o esforço, que não preciso provar nada a ninguém, que tenho tudo o que queria e muito mais do que jamais sonhara ter.

Percebo estar passando pelo mesmo processo que passei quando escrevi meu primeiro livro: acordo às nove da manhã, pronto a sentar-me diante do computador imediatamente após o café da manhã; depois leio os jornais, saio para uma caminhada, visito o bar mais próximo para um bate-papo, volto para casa de novo, hora em que o almoço está pronto e eu me sento para comer pensando em que realmente deveria ter começado a escrever às onze horas, mas que agora há diversas coisas que preciso fazer: vou verificar meus *e-mails* e percebo que há algo de errado com a conexão, terei de ir a um lugar a dez minutos de distância, onde possa entrar na rede; mas será que eu não poderia, só para liberar minha consciência desse sentimento de culpa, não poderia ao menos escrever por meia hora?

Começo, então, por sensação de obrigação, mas de repente “a coisa” toma conta de mim e não consigo mais parar. A empregada me chama para o jantar e eu lhe peço para não me interromper; uma hora mais tarde, ela me chama outra vez; estou com fome, mas preciso

escrever só mais uma linha, mais uma frase, mais uma página. Quando me sento à mesa, a comida esfriou. Engulo-a e volto ao computador – não estou mais no controle de onde ponho os pés, a ilha me está sendo revelada, estou sendo arrastado pelos seus caminhos, encontrando coisas que jamais pensei ou sequer sonhei. Bebo uma xícara de café, depois outra, e às duas da manhã finalmente paro de escrever, pois meus olhos estão cansados.

Em *O Zahir*, o personagem principal tem exatamente os mesmos pensamentos: escrever é revelar a história não contada a si mesmo, é viajar para a ilha desconhecida e tentar compartilhar dela com seus companheiros. E, para mim, é constante fonte de surpresa descobrir que outras pessoas também estavam procurando aquela mesmíssima ilha e que a encontraram em meu livro. Daí por diante, não sou mais o homem perdido na tempestade: eu me encontro através de meus leitores, compreendo o que escrevi quando vejo os outros compreendendo também, mas nunca antes.

Olho, com admiração, para o vôo da flecha: com ela vai meu coração e, tenho certeza, certeza absoluta, de que apesar da alegria, da empolgação e do frio no fundo do estômago, vou dormir pacificamente esta noite: com aquela flecha voa meu coração.



**CRISTOVAM BUARQUE** é Senador da República. Foi Reitor da Universidade de Brasília, Governador do Distrito Federal, Ministro de Educação.

Formado em Engenharia Mecânica, fez Doutorado em Economia na Sorbonne/Paris. Foi funcionário do Banco Interamericano de

Desenvolvimento em Washington e, desde 1979, é professor titular na Universidade de Brasília. Publicou 24 livros e é colaborador permanente de jornais e revistas no Brasil e no exterior. Em 2006, foi candidato a Presidência da República.





Viver é navegar no meio dos códigos do mundo. Entre os animais, esses códigos são naturais; nas sociedades primitivas, são um misto de naturalidade e transmissão cultural; no mundo moderno, a navegação exige decodificar as letras. A primeira alegria de ler é poder navegar na realidade da vida social. Não há como viver plenamente sem entender os códigos que aparecem à nossa frente sob a forma de letras combinadas para indicar idéias.

Mas nem todos dispõem desses códigos. Em uma cidade onde as pessoas caminhassem por entre letras embaralhadas, sem sentido, as ruas se tornariam um labirinto, e o visitante não conseguiria escolher seu caminho: não saberia o nome da avenida por onde passava, se haveria uma saída ou um abismo à frente. Seria incapaz de escolher a comida oferecida no cardápio; seria obrigado a tomar remédios sem certeza do nome, sem compreender as recomendações da bula. Sem entender sequer em que página estariam os anúncios de emprego, não conseguiria qualquer um dos que estivessem sendo oferecidos.

Durante o percurso, o visitante ficaria perdido nos códigos ao seu redor. A própria bandeira do Brasil ficaria irreconhecível, porque as letras misturadas – “Omdop E Pregsroeer” – não indicariam o lema certo. No Brasil, só quem sabe ler tem a alegria de reconhecer plenamente a bandeira do seu país.

Se fizer o percurso nessa cidade das letras misturadas, o alfabetizado sentirá o drama do analfabetismo. E quando sair, terá a alegria de quem aprende a ler em idade adulta e pode, finalmente, navegar pelo mundo, capaz de escolher a rua, o emprego, o remédio. Como um surfista lê as ondas e um iatista lê o vento. A alegria das letras, ao escrever o nome do filho.

Alegria de quem passa a olhar diretamente nos olhos das pessoas alfabetizadas, sem o sentimento de inferioridade que caracteriza quem não sabe ler nem escrever.

Ler dá ao alfabetizado a alegria de um peixe nadando entre seus semelhantes. A leitura torna-se um sentimento natural, como andar de bicicleta.

O céu deve ser uma imensa biblioteca, com cadeiras confortáveis, todos os livros disponíveis, e a eternidade garantida para a leitura de todos eles. Por oposição, o inferno seria um mundo sem livros. O que nos permite pensar que os analfabetos sentem-se condenados pelo pecado de não freqüentar a escola. Mas a culpa é daqueles que não ofereceram as condições para que todos estudassem. Os governantes que não alfabetizam seu povo deveriam ser condenados ao inferno, um inferno sem os livros que negaram aos outros. São piores do que os opressores que queimaram livros em praça pública: não ensinam seu povo a ler e assim impedem o surgimento dos escritores; incineram livros antes que sejam escritos. São assassinos da alegria de ler.

Todos os tipos de livro dão alegria. Biografias nos permitem conhecer pessoas especiais; ensaios históricos ou relatos de viagens nos levam onde nunca conseguiríamos ir, no tempo ou no espaço; livros técnicos revelam os mistérios do mundo e como ele funciona, é transformado, construído; a literatura – poesia ou prosa – oferece a alegria de imaginar, de navegar além da realidade. Nem o teatro nem o cinema permitem isso, porque exibido visualmente, o fantástico perde parte da sua impossibilidade, do seu mistério. Pode-se dizer que um bom contador de histórias oferece o mesmo que um livro. Mas raros contadores de histórias dispensam leitura prévia, e é maior a alegria da história que não vai embora, permanentemente guardada em livro.

Caminhando entre as prateleiras de uma livraria, sente-se a calma e atenta alegria do garimpeiro: a qualquer instante, encontrar um tesouro. Bater os olhos em um livro que há anos se deseja ler; outro lido, mas perdido o exemplar; ou um novo que chamou a atenção.

Comprar livros é comprar alegria, sentimentos, como um ingresso para teatro, filme, espetáculo musical; ou jantar com uma pessoa querida. Outros objetos são matéria, o livro é um cofre que guarda sentimentos, surpresas, alegrias.

Mas a leitura traz consigo tristeza também: um telegrama ou carta com notícias tristes, jornais com tragédias e guerras, informações sobre ameaças futuras. Desde cedo li textos que me deixaram incomodado, graças à consciência que aos poucos adquiria. Indignado, descobri a exploração dos escravos e dos operários, a sangria cometida pelo imperialismo contra o Brasil. A alegria de ler vinha junto com a tristeza de aprender. Tristeza e incomformidade de saber que a alegria de ler é negada a aproximadamente 800 milhões de adultos – 15 milhões no meu país, 45 milhões se acrescentarmos os chamados analfabetos funcionais: reconhecem as letras, mas não sentem a alegria de ler.

De início, fui envolvido pela idéia de que a injustiça estava na economia, nos latifúndios agrários, na má distribuição da renda. Demorei a descobrir que a injustiça vem sobretudo da desigualdade no acesso à educação: o analfabetismo é uma característica social, de classe. Não existe rico analfabeto. Lendo, descobri que o berço da desigualdade está na desigualdade do berço: a escola. A tristeza com o fato trouxe-me a alegria de lutar para mudar o mundo, que ainda não desfruta da plena alegria de ler.

Descobri a alegria de lutar pela alfabetização: de ensinar uma pessoa a ler e de mudar o mundo para assegurar escola de qualidade para todos, desde os primeiros anos e por toda a vida. Se alfabetizarmos todos, haverá a alegria orgulhosa dos que aprenderam a ler e o orgulho alegre dos que sabem que todos sabem ler. A alegria do aluno que aprende, do leitor que lê, do educador que ensina e do educacionista que luta para que todos ensinem, aprendam, leiam, criando um mundo com a plena alegria das letras, descobertas com sentido.

**ALBERTO MANGUEL** nasceu em 1948, em Buenos Aires, na Argentina. Viveu na Itália, na Inglaterra e no Taiti antes de se tornar cidadão canadense e de se instalar na França. Iniciado na literatura por Jorge Luís Borges, eminente poliglota, Manguel é

ensaísta, romancista, crítico literário e tradutor de renome.

É particularmente o autor do *Dictionnaire des lieux imaginaires* (1998), considerado por Ítalo Calvino como uma obra “essencial da literatura fantástica”.



## COMO PINOCCHIO APRENDEU A LER

*¿ Sabeis leer?  
... No por cierto  
ni tal se probará que en mi linaje  
haya personas de tan poco asiento  
que se pongan a aprender esas quimeras  
que llevan a los hombres al brasero  
y a las mujeres a la casa llana.*

*Cervantes, La elección de los alcaldes de Daganzo*

Li pela primeira vez *As aventuras de Pinocchio* há muitos anos, em Buenos Aires, quando eu tinha oito ou nove anos, em uma tradução espanhola condensada, ilustrada com os desenhos originais em preto e branco de Mazzanti. Assisti ao filme de Disney algum tempo depois, e ele me desagradou pelas inúmeras modificações que constatei: o tubarão asmático que engole Pinocchio foi transformado em Monstro, a Baleia; o grilo, em vez de desaparecer e reaparecer, recebeu o nome de Jiminy Cricket e perseguia Pinocchio incessantemente com seus bons conselhos; o ranzinza Gepetto foi transformado em um amável velhinho dono de um peixe vermelho chamado Cléo e de um gato chamado Fígaro. E faltavam muitos dos episódios mais memoráveis. Em nenhum momento, por exemplo, Disney pintava Pinocchio (como Collodi o fez na cena que para mim era a mais assustadora do livro) como testemunha

de sua própria morte quando, após ter se recusado a tomar seus remédios, quatro coelhos “negros como tinta” vêm para levá-lo em um pequeno caixão negro. Na versão original, a passagem do Pinocchio de madeira para o de carne e osso representava para mim uma busca tão apaixonante quanto a de Alice se esforçando para sair do País das Maravilhas ou a de Ulisses buscando encontrar sua bem-amada Ítaca. Com exceção do final: quando, nas últimas páginas, Pinocchio é recompensado com sua metamorfose em “um belo menino de cabelos castanhos e olhos azuis”, eu aplaudia e, no entanto, sentia uma estranha insatisfação.

Naquela época eu não sabia, mas creio que amava *As aventuras de Pinocchio* por serem as aventuras do aprendiz. A saga da marionete é a saga da educação de um cidadão, esse antigo paradoxo de um personagem que deseja entrar na sociedade humana comum esforçando-se ao mesmo tempo para descobrir quem ele é realmente, e não como é visto pelo olhar dos outros, mas em si mesmo. Pinocchio quer se transformar em um “garoto de verdade”, mas não em um garoto qualquer, não em uma pequena versão dócil do cidadão ideal. Pinocchio quer ser aquele que ele é de verdade sob a madeira pintada. Infelizmente (porque Collodi encerrou a educação de Pinocchio justo antes dessa epifania), ele não o consegue plenamente. Pinocchio se torna um bom menino que aprendeu a ler, mas nunca chegará a se transformar em um leitor.

Desde o início, Collodi coloca em cena um conflito entre Pinocchio, o rebelde, e a sociedade de que ele deseja fazer parte. Antes mesmo de ser esculpido em forma de marionete, Pinocchio se mostra como um pedaço de madeira revoltado. Ele não aceita ser “visto, mas não ouvido” (lema do século XIX em relação às crianças), e provoca uma discussão entre Gepetto e seu vizinho (outra cena suprimida por Disney). Em seguida, tem outro ataque de raiva quando descobre que nada há para comer além de algumas peras, e quando adormece na frente da lareira e queima os dois pés, espera que Gepetto (o representante da sociedade) lhe esculpa novamente outros pés. Faminto e estropiado, Pinocchio se rebela e não se conforma em ficar subalimentado e aleijado em uma sociedade que devia lhe proporcionar alimento e cuidados médicos. Ele também está consciente, contudo, de que o que exige da sociedade deve ter sua recíproca. É assim que, após ter recebido alimento e pés novos, diz

para Gepetto: “Para retribuir tudo o que você fez por mim, vou começar a ir à escola imediatamente.”

Na sociedade de Collodi, a escola é o lugar onde começamos a nos mostrar responsáveis. É o território onde treinamos para nos tornar pessoas capazes de “devolver” os cuidados atentos da sociedade. Eis como Pinocchio resume isto: “Hoje mesmo, na escola, quero prender a ler; amanhã aprenderei a escrever e depois de amanhã a contar. Então, graças a meu saber, ganharei muito dinheiro e, com o primeiro dinheiro que tiver no meu bolso, comprarei para o meu pai um lindo paletó de lã. Mas, que digo eu, de lã? Encontrarei para ele um de prata e ouro, com botões de diamante. E o pobre homem o merece realmente, pois, depois de tudo, para me comprar os livros e me dar instrução, ficou em mangas de camisa ... em pleno inverno!” De fato, a fim de comprar para Pinocchio uma cartilha (fundamental para ir à escola), Gepetto vendeu seu único casaco. Gepetto é um homem pobre, mas, na sociedade de Collodi, a instrução exige sacrifícios.

A primeira etapa, então, para se tornar um cidadão, consiste em aprender a ler. Mas o que isso significa, “aprender a ler”? Várias coisas.

Primeiramente, o processo mecânico de aprendizagem do código da escrita na qual está registrada a memória de uma sociedade.

Em seguida, a aprendizagem da sintaxe que rege esse código.

Em terceiro lugar, a aprendizagem da maneira como as inscrições feitas segundo esse código podem, de modo profundo, imaginativo e prático, servir ao conhecimento de nós mesmos e do mundo ao nosso redor. Essa terceira aprendizagem é a mais difícil, a mais perigosa e a mais poderosa – a que Pinocchio jamais atingirá. Pressões de toda espécie – tentações pelas quais a sociedade o faz distanciar-se de si próprio, zombarias e ciúmes de seus discípulos, indiferença de seus preceptores – criam para Pinocchio uma série de obstáculos quase intransponíveis para a aquisição da leitura.

A leitura é uma atividade que sempre foi considerada com um entusiasmo mitigado por aqueles que nos governam. Não foi por acaso que nos séculos XVIII e XIX foram promulgadas leis proibindo os escravos de ler, mesmo a Bíblia, pois (afirmavam com propriedade), quem



pode ler a Bíblia pode também ler um panfleto abolicionista. Os esforços despendidos e os estratagemas inventados pelos escravos com a finalidade de aprender a ler mostram bem a relação entre a liberdade civil e os poderes do leitor, bem como o medo suscitado por essa liberdade e esses poderes nos príncipes de qualquer espécie.

Mas em uma sociedade que se diz democrática, antes de levar em consideração as possibilidades de aprender a ler, as leis têm a obrigação de satisfazer um determinado número de necessidades fundamentais: alimentação, moradia, cuidados com a saúde. Em um comovente ensaio escrito no final de sua vida, Collodi disse isto sobre os esforços republicanos que visavam instaurar na Itália um sistema de instrução obrigatório: “Na minha opinião, até aqui pensamos mais na cabeça do que no estômago das classes necessitadas e afligidas. Pensemos agora um pouco mais no estômago.” Cinquenta anos mais tarde, Brecht declararia: “Primeiro o pão, depois a moral.” Pinocchio, para quem a fome não é desconhecida, está manifestamente consciente dessa exigência primária. Quando imagina o que ele poderia fazer se tivesse cem mil escudos e se tornasse um homem rico, deseja um belo palácio com uma biblioteca “repleta de frutas cristalizadas, tortas, panetones, biscoitos de amêndoas, rolinhos de massa folheada recheados de creme batido”. Os livros, Pinocchio o sabe muito bem, não enchem o estômago vazio. Quando os maus companheiros de Pinocchio atiram em sua cabeça seus livros com uma pontaria tão ruim que os livros caem no mar, um cardume de peixes chega depressa à superfície para mordiscar as páginas molhadas, cuspidas em seguida, pensando: “Isto não é para nós; estamos acostumados a uma comida bem melhor”. Em uma sociedade em que as necessidades fundamentais dos cidadãos não são satisfeitas, os livros são pífios alimentos; mal utilizados, podem se tornar mortais. Quando um dos meninos joga um grande *Manual de Aritmética* encadernado sobre Pinocchio, em vez de acertar o fantoche, o livro bate na cabeça de outro menino e o mata. Não utilizado, não lido, o livro é uma arma perigosa.

Ao mesmo tempo em que ela instaura um sistema destinado a satisfazer essas necessidades fundamentais assegurando a instrução obrigatória, a sociedade oferece a Pinocchio distrações que dela o desviam, tentações de divertimento que não pedem reflexão



e esforço. Em primeiro lugar sob a forma da raposa e do gato, que dizem para Pinocchio que a escola os cegou e os estropiou; em seguida com a criação do País dos Brinquedos, que Lucignolo, o amigo de Pinocchio, descreve nestes termos elogiosos: “Lá não há escolas, não há professores; não há livros ... É o tipo de lugar que me agrada! É assim que deveriam ser todos os países civilizados!” Os livros são muito acertadamente associados, na mente de Lucignolo, à dificuldade, e a dificuldade (tanto no mundo de Pinocchio como no nosso) adquiriu um sentido negativo que ela nem sempre teve. A expressão latina *Per ardua ad Astra* (pela dificuldade atingimos as estrelas) é quase incompreensível para Pinocchio (como para nós), pois supomos poder tudo obter ao menor custo possível.

A sociedade não estimula a busca necessária da dificuldade, esse acréscimo de experiência. Quando Pinocchio, passados seus primeiros infortúnios, aceita a escola e se torna um bom aluno, os outros meninos começam a acusá-lo de ser “um imbecil” e a zombar dele porque “ele escuta o professor”. “Você fala como um livro impresso”, dizem-lhe eles. A linguagem pode permitir ao locutor permanecer na superfície da reflexão, pronunciando *slogans* dogmáticos e lugares comuns em preto e branco, transmitindo mais mensagens do que sentidos, colocando o peso epistemológico no ouvinte (como em “Você vê o que eu quero dizer?”) ou então, ele pode tentar recriar uma experiência, dar forma a uma idéia, explorar em profundidade e não apenas superficialmente a intuição de uma revelação. Para os outros meninos, essa distinção é invisível. Para eles, o fato de Pinocchio falar “como um livro impresso” basta para marcá-lo como um estrangeiro, um traidor, um enclausurado em sua torre de marfim.

Em suma, a sociedade coloca no caminho de Pinocchio um determinado número de personagens que devem lhe servir de guias morais, tanto quanto em *Virgílio* em sua exploração dos círculos infernais deste mundo. O grilo, que Pinocchio esmaga contra uma parede em um dos primeiros capítulos, mas que milagrosamente sobrevive para vir ajudá-lo bem mais tarde no livro; a fada azul, que aparece primeiramente para Pinocchio como uma menina de cabelos azuis durante uma série de pesadelos; o atum, um filósofo estóico que aconselha a Pinocchio, após terem sido engolidos por um tubarão: “aceitar a situação e esperar que o



tubarão nos digira”. Porém, todos esses “mestres” abandonam Pinocchio à sua própria sorte, pouco desejosos de fazer-lhe companhia quando ele parece perdido nas trevas. Nenhum deles ensina Pinocchio a refletir sobre sua própria condição, nenhum o estimula a descobrir o que significa seu desejo de “se tornar um menino”. Como se recitassem manuais escolares sem recorrer a leituras pessoais, essas figuras magistras só se interessam pela aparência acadêmica do ensino, na qual a atribuição de papéis – professor e aluno – é considerada suficiente para que a instrução ocorra. Como professores, eles não servem para nada, porque só se consideram responsáveis em relação à sociedade e não em relação a seus alunos.

Apesar de todas essas dificuldades – diversão, zombarias, abandono –, Pinocchio consegue galgar os dois primeiros degraus da escada da instrução na sociedade: o aprendizado do alfabeto e o da leitura superficial de um texto. Nesse ponto ele pára. Os livros se tornam então lugares neutros onde aplicar este código erudito para dele extrair, no final, uma moral convencional. A escola o preparou para ler propaganda.

Por Pinocchio não ter aprendido a ler em profundidade, a penetrar em um livro e a explorá-lo até seus limites e por vezes além deles, continuará a ignorar que suas aventuras pessoais têm profundas raízes literárias. Sua vida (ele não o sabe) é na verdade uma vida literária, um composto de antigos relatos heterogêneos nos quais ele poderia um dia (se ele aprendesse a ler de verdade) reconhecer sua própria biografia. Isso é verdade para todo leitor digno desse nome. *As aventuras de Pinocchio* fazem eco em múltiplas vozes literárias. É um livro sobre a busca de um filho por seu pai, e sobre a de um pai por seu filho (trama secundária da *Odisséia* que Joyce iria descobrir um dia); sobre a busca de si próprio, como a metamorfose material do herói de Apuleio em *Ane d'or* e a metamorfose psicológica do príncipe Hal em *Henry IV*; sobre o sacrifício e a redenção ensinados nas histórias referentes à Virgem Maria e nas sagas de Ariosto; sobre os ritos de passagem arquetípicos, como nos *Contes de Perrault* (que Collodi traduziu) e na *commedia dell'arte*; sobre as viagens ao desconhecido, como nas crônicas dos exploradores do século XVI e em Dante. Por não ver nos livros fontes de revelação, os livros não remetem Pinocchio à sua experiência pessoal. Vladimir Nabokov, ensinando seus alunos a ler Kafka, chamava sua atenção para o fato de que o inseto no qual

Gregório Samsa é metamorfoseado é na realidade um coleóptero alado, um inseto provido de asas em suas costas blindadas e que se Gregório se tivesse apercebido disso, ele teria podido voar. E em seguida acrescentar; “Muitos Pedros e Jeannes crescem como Gregórios, sem notarem que têm asas e que poderiam voar.”

Disso Pinocchio tampouco se aperceberia se ele topasse com *A Metamorfose*. Pinocchio é apenas capaz, após ter aprendido a ler, de repetir como um papagaio o discurso de seu livro. Ele assimila as palavras vistas na página, mas não as digere: os livros não lhe pertencem verdadeiramente, porque ele ainda é, ao final de suas aventuras, incapaz de aplicá-las a sua própria experiência e à do mundo. O fato de ter aprendido a ler o alfabeto lhe permite, no último capítulo, renascer sob uma identidade humana e contemplar com satisfação divertida a marionete que ele foi. Porém, em um livro que Collodi jamais escreveu, Pinocchio deve ainda afrontar a sociedade com uma linguagem imaginativa que os livros poderiam ter-lhe ensinado graças à memória, às associações, à intuição, a imitação. Lida a última página, Pinocchio, enfim, estaria pronto a aprender a ler.

Essa experiência superficial da leitura que é a de Pinocchio é exatamente oposta à de outro herói errante, ou melhor, uma heroína. No universo de Alice, a linguagem é devolvida à riqueza de sua ambigüidade essencial e qualquer palavra (a crer Humpty Dumpty) poderá ser obrigada a dizer o que seu utilizador quer dizer. Ainda que Alice recuse afirmações tão arbitrárias (Mas “glória” não significa “belo argumento sem réplica” – ela objeta), essa epistemologia para uso de todos é a regra no País das Maravilhas. Enquanto no mundo de Pinocchio o sentido de uma palavra impressa é desprovido de ambigüidade, no mundo de Alice o significado de “Jabberwocky”, por exemplo, depende da vontade do leitor. (Pode ser útil lembrar aqui que Collodi escrevia numa época em que as regras da língua italiana eram fixadas pela primeira vez a partir de uma escolha entre numerosos dialetos, enquanto o inglês de Lewis Carroll havia sido fixado havia muito tempo e podia ser aberto e questionado com relativa segurança.

Quando falo em aprender a ler (no sentido pleno, ao qual já fiz alusão), quero falar sobre alguma coisa que se encontra entre esses dois estilos de filosofia. A de Pinocchio corresponde



à sujeição da escolástica que, até o século XVI era o método de ensino oficial na Europa. Em uma sala de aula escolástica, o aluno devia ler como mandava a tradição, em função dos comentários idênticos imutáveis aceitos como fazendo autoridade. O método de Humpty Dumpty é um exagero das interpretações humanistas, um ponto de vista revolucionário segundo o qual todo leitor deve se comprometer no texto em seus próprios termos. Umberto Eco reduziu utilmente essa liberdade observando que “os limites da interpretação coincidem com os limites do bom-senso”; ao que Humpty Dumpty poderia certamente replicar que para ele o que é bom senso não o é necessariamente para Eco. Porém, para a maioria dos leitores a noção de “bom senso” conserva certa evidência comum que deve bastar. “Aprender a ler” consiste, então, em adquirir os meios de se apropriar de um texto (como o faz Humpty Dumpty) e também participar da apropriação dos outros (como poderia ter sugerido o professor do Pinocchio). É nesse território ambíguo, entre posse e reconhecimento, entre identidade imposta pelos outros e identidade descoberta por si mesmo, que se situa, na minha opinião, o fato de ler.

Há um ardente paradoxo no cerne de todo sistema escolar. Uma sociedade deve compartilhar com seus cidadãos o conhecimento de seus códigos a fim de que possam se tornar ativos; mas o conhecimento desses códigos, além da simples capacidade de decifrar um lema político, uma publicidade ou um manual de instrução primária, dá a esses mesmos cidadãos a capacidade de colocar a sociedade em questão, de descobrir seus defeitos e tentar mudá-la. É no sistema que permite a uma sociedade funcionar que repousa o poder de subvertê-la, para o bem e para o mal. De modo que o professor, a pessoa encarregada por essa sociedade de revelar aos seus novos membros os segredos de seus vocabulários comuns, se torna de fato um perigo, um Sócrates capaz de corromper a juventude, alguém que deve, por um lado, continuar incansavelmente a ensinar, e, por outro lado, se submeter às leis da sociedade que o colocou nesse cargo de professor – submeter-se até se autodestruir, como foi o caso de Sócrates. Um professor encontra-se sempre atado a esse nó duplo: ensinar de modo a fazer com que seus alunos aprendam a pensar por si próprios, ensinar em função de uma estrutura social que impõe sua lei ao pensamento. A escola, no mundo de Pinocchio e na maioria dos

nossos, não é um espaço onde se tornar uma criança melhor e mais completa, mas um lugar de iniciação ao mundo dos adultos, com suas convenções, suas exigências burocráticas, seus acordos tácitos e seu sistema de castas. Não existem escolas para anarquistas, porém, em um sentido, todo professor deveria ensinar o anarquismo, ensinar os estudantes a se questionarem sobre as regras e os regulamentos, a buscar explicações para os dogmas, a enfrentar as obrigações sem ceder aos preconceitos, a exigir daqueles que estão no poder que exerçam a autoridade, a encontrar um lugar de onde possam expressar suas próprias idéias, ainda que isso signifique uma oposição e mesmo, em última análise, a eliminação do professor.

Em determinadas sociedades onde a atividade intelectual possui um prestígio que lhe é próprio, como em numerosas sociedades primitivas de todo o mundo, é mais fácil para o professor (ancião, xamã, instrutor, guardião da memória tribal) cumprir suas obrigações, já que a maioria das atividades dessa sociedade está subordinada à aprendizagem. No entanto, em muitas outras a atividade intelectual é desprovida de qualquer prestígio: o orçamento destinado à educação é o primeiro a ser reduzido; a maioria de nossos líderes mal sabe ler; nossos valores nacionais são puramente econômicos. Prestam-se homenagens tímidas à noção de cultura e homenageiam-se os livros oficialmente, mas na realidade, nas escolas e nas universidades, por exemplo, qualquer ajuda financeira que se consiga é aplicada em equipamentos eletrônicos (ardentemente estimulada pela indústria) do que de preferência em material impresso, sob o pretexto conscientemente errôneo de que o suporte eletrônico é mais barato e mais durável que o papel e a tinta. Conseqüentemente, nossas bibliotecas escolares estão perdendo rapidamente um espaço essencial. Nossas leis econômicas favorecem o continente preferencialmente ao conteúdo, pois o primeiro pode ser comercializado de modo mais produtivo e parece mais sedutor, e nosso impulso econômico depende, então, da tecnologia eletrônica. Para vender, nossas sociedades fazem valer duas qualidades principais: a rapidez e seu caráter imediatista. "Mais rápido que o pensamento", afirmava a publicidade de um certo *PowerBook*: um slogan que a escola do Pinocchio teria, sem dúvida, adotado. A oposição é válida, já que o pensamento exige tempo e profundidade, duas qualidades essenciais para a leitura.



O ensino é um processo lento e difícil, dois adjetivos que se tornaram, na nossa época, defeitos em vez de serem louvados. Parece quase impossível, hoje, convencer a maioria entre nós dos méritos da lentidão e do esforço *deliberado*. Entretanto, Pinocchio somente aprenderá se não tiver pressa de aprender e só se tornará um indivíduo completo graças ao esforço de aprender lentamente. Vivendo, como Collodi, no tempo dos textos escolares decorados ou, como nós, no tempo de uma quase infinidade de dados regurgitados compilados à disposição nas pontas dos dedos, é relativamente fácil ser superficialmente culto, acompanhar um *sitcom*, compreender uma brincadeira publicitária, ler um slogan político, utilizar um computador. Mas para ir mais longe e mais fundo, para ter a coragem de enfrentar nossos medos, nossas dúvidas e nossos segredos escondidos, para questionar o funcionamento da sociedade em relação a nós e ao mundo, será preciso aprender a ler de outra forma, diferentemente, a fim de aprender a pensar. Pinocchio pode transformar-se em um menino ao final de suas aventuras, mas, avaliando melhor, ele ainda pensa como uma marionete.

Quase tudo em torno de nós nos leva a não refletir, a nos contentar com os lugares comuns, com uma linguagem dogmática que divide o mundo claramente em preto e branco, bem ou mal, eles e nós. É a linguagem do extremismo, que hoje ressurgiu de todos os lados, lembrando-nos de que ele não desapareceu. À dificuldade de refletir sobre os paradoxos e sobre as questões em aberto, sobre as contradições e uma ordem caótica, reagimos com o grito secular de Catão, o Censor, no Senado romano: *Delenda Cartago* (É preciso destruir Cartago) – não tolerar outra civilização, evitar o diálogo, impor sua lei pela exclusão ou pela eliminação. É uma linguagem que pretende comunicar, mas que, sob disfarces variados, se contenta em brutalizar; não espera outra resposta além de um silêncio dócil. “Seja sensato e bom”, diz a Fada azul a Pinocchio no final, “e você será feliz”. Muitos *slogans* políticos podem ser reduzidos a esse conselho desonesto e inepto.

Passar do vocabulário estreito que corresponde ao que a sociedade considera “razoável e bom” para um vocabulário mais vasto, mais rico e, sobretudo, mais ambíguo, é aterrador, porque esse outro domínio das palavras é sem limites e equivale perfeitamente ao

pensamento, à emoção, à intuição. Esse vocabulário infinito está aberto para nós se quisermos gastar nosso tempo e fazer o esforço de explorá-lo e, há muitos séculos, ele forjou palavras a partir da experiência a fim de nos devolvê-la, de nos permitir compreender o mundo, assim como a nós mesmos. Ele é mais vasto e duradouro que a biblioteca ideal das guloseimas de Pinocchio, porque ele a compreende, metaforicamente, e pode nos levar até ela, concretamente, nos permitindo imaginar como mudar uma sociedade na qual Pinocchio morre de fome, apanha e é explorado, privado de seu estatuto de criança e intimado a ser obediente e feliz na sua obediência. Imaginar é derrubar barreiras, ignorar fronteiras, subverter a visão do mundo que nos é imposta. Mesmo se ele não conseguiu que sua marionete tivesse acesso a este último estágio da descoberta de si, Collodi adivinhou, acredito, as possibilidades da capacidade da imaginação. E mesmo quando ele afirmava a preeminência do pão sobre as palavras, ele sabia muito bem que, ao final das contas, toda crise de sociedade é uma crise da imaginação.



**JOÃO UBALDO RIBEIRO** nasceu na ilha de Itaparica, Bahia, em 1941. Além de ser escritor, foi também professor, jornalista e roteirista. É membro da Academia Brasileira de Letras. Foi agraciado com inúmeros prêmios nacionais e

internacionais, entre eles o principal para os autores de língua portuguesa, Prêmio Camões, em 2008. Entre suas publicações destacam-se: *Sargento Getúlio*, *O sorriso do largato*, *A casa dos budas ditosos* e *Viva o povo brasileiro*.





## MEMÓRIA DE LIVROS

Aracaju, a cidade onde nós morávamos no fim da década de 40, começo da de 50, era a orgulhosa capital de Sergipe, o menor estado brasileiro (mais ou menos do tamanho da Suíça). Essa distinção, contudo, não lhe tirava o caráter de cidade pequena, provinciana e calma, à boca de um rio e a pouca distância de praias muito bonitas. Sabíamos do mundo pelo rádio, pelos cinejornais que acompanhavam todos os filmes e pelas revistas nacionais. A televisão era tida por muitos como mentira de viajantes, só alguns loucos andavam de avião, comprávamos galinhas vivas e verduras trazidas à nossa porta nas costas de mulas, tínhamos grandes quintais e jardins, meninos não discutiam com adultos, mulheres não usavam calças compridas nem dirigiam automóveis e vivíamos tão longe de tudo que se dizia que, quando o mundo acabasse, só íamos saber uns cinco dias depois.

Mas vivíamos bem. Morávamos sempre em casarões enormes, de grandes portas, varandas e tetos altíssimos, e meu pai, que sempre gostou das últimas novidades tecnológicas, trazia para casa tudo quanto era tipo de geringonça moderna que aparecia. Fomos a primeira família da vizinhança a ter uma geladeira e recebemos visitas para examinar o impressionante armário branco que esfriava tudo. Quando surgiram os primeiros discos *long play*, já tínhamos a vitrola apropriada e meu pai comprava montanhas de gravações dos clássicos, que ele próprio se recusava a ouvir, mas nos obrigava a escutar e comentar.

Nada, porém, era como os livros. Toda a família sempre foi obsedada por livros e às vezes ainda arma brigas ferozes por causa de livros, entre acusações mútuas de furto ou apropriação indébita. Meu avô furtava livros de meu pai, meu pai furtava livros de meu avô, eu furtava

livros de meu pai e minha irmã até hoje furta livros de todos nós. A maior casa onde moramos, mais ou menos a partir da época em que aprendi a ler, tinha uma sala reservada para a biblioteca e gabinete de meu pai, mas os livros não cabiam nela — na verdade, mal cabiam na casa. E, embora os interesses básicos dele fossem Direito e História, os livros eram sobre todos os assuntos e de todos os tipos. Até mesmo ciências ocultas, assunto que fascinava meu pai e fazia com que ele às vezes se trancasse na companhia de uns desenhos esotéricos, para depois sair e dirigir olhares magnéticos aos circunstantes, só que ninguém ligava e ele desistia temporariamente. Havia uns livros sobre hipnotismo e, depois de ler um deles, hipnotizei um peru que nos tinha sido dado para um Natal e, que, como jamais ninguém lembrou de assá-lo, passou a residir no quintal e, não sei por quê, era conhecido como Lúcio. Minha mãe se impressionou, porque, assim que comecei meus passes hipnóticos, Lúcio estacou, pareceu engolir em seco e ficou paralisado, mas meu pai — talvez porque ele próprio nunca tenha conseguido hipnotizar nada, apesar de inúmeras tentativas — declarou que aquilo não tinha nada com hipnotismo, era porque Lúcio era na verdade uma perua e tinha pensado que eu era o peru.

Não sei bem dizer como aprendi a ler. A circulação entre os livros era livre (tinha que ser, pensando bem, porque eles estavam pela casa toda, inclusive na cozinha e no banheiro), de maneira que eu convivia com eles todas as horas do dia, a ponto de passar tempos enormes com um deles aberto no colo, fingindo que estava lendo e, na verdade, se não me trai a vã memória, de certa forma lendo, porque quando havia figuras, eu inventava as histórias que elas ilustravam e, ao olhar para as letras, tinha a sensação de que entendia nelas o que inventara. Segundo a crônica familiar, meu pai interpretava aquilo como uma grande sede de saber cruelmente insatisfeita e queria que eu aprendesse a ler já aos quatro anos, sendo demovido a muito custo, por uma pedagoga amiga nossa. Mas, depois que completei seis anos, ele não agüentou, fez um discurso dizendo que eu já conhecia todas as letras e agora era só uma questão de juntá-las e, além de tudo, ele não suportava mais ter um filho analfabeto. Em seguida, mandou que eu vestisse uma roupa de sair, foi comigo a uma livraria, comprou uma cartilha, uma tabuada e um caderno e me levou à casa de D. Gilete.

– D. Gilete – disse ele, apresentando-me a uma senhora de cabelos presos na nuca, óculos redondos e ar severo –, este rapaz já está um homem e ainda não sabe ler. Aplique as regras.

“Aplicar as regras”, soube eu muito depois, com um susto retardado, significava, entre outras coisas, usar a palmatória para vencer qualquer manifestação de falta de empenho ou burrice por parte do aluno. Felizmente D. Gilete nunca precisou me aplicar as regras, mesmo porque eu de fato já conhecia a maior parte das letras e juntá-las me pareceu fácilimo, de maneira que, quando voltei para casa nesse mesmo dia, já estava começando a poder ler. Fui a uma das estantes do corredor para selecionar um daqueles livrões com retratos de homens carrancudos e cenas de batalhas, mas meu pai apareceu subitamente à porta do gabinete, carregando uma pilha de mais de vinte livros infantis.

– Esses daí agora não – disse ele. – Primeiro estes, para treinar. Estas livrarias daqui são umas porcarias, só achei estes. Mas já encomendei mais, esses daí devem durar uns dias.

Duraram bem pouco, sim, porque de repente o mundo mudou e aquelas paredes cobertas de livros começaram a se tornar vivas, freqüentadas por um número estonteante de maravilhas, escritas de todos os jeitos e capazes de me transportar a todos os cantos do mundo e a todos os tipos de vida possíveis. Um pouco febril às vezes, chegava a ler dois ou três livros num só dia, sem querer dormir e sem querer comer porque não me deixavam ler à mesa – e, pela primeira vez em muitas, minha mãe disse a meu pai que eu estava maluco, preocupação que até hoje volta e meia ela manifesta.

– Seu filho está doido — disse ela, de noite, na varanda, sem saber que eu estava escutando. – Ele não larga os livros. Hoje ele estava abrindo os livros daquela estante que vai cair para cheirar.

– Que é que tem isso? É normal, eu também cheiro muito os livros daquela estante. São livros velhos, alguns têm um cheiro ótimo.

– Ele ontem passou a tarde inteira lendo um dicionário.

– Normalíssimo. Eu também leio dicionários, distrai muito. Que dicionário ele estava lendo?

– O Lello.



– Ah, isso é que não pode. Ele tem que ler o Laudelino Freire, que é muito melhor. Eu vou ter uma conversa com esse rapaz, ele não entende nada de dicionários. Ele está cheirando os livros certos, mas lendo o dicionário errado, precisa de orientação.

Sim, tínhamos muitas conversas sobre livros. Durante toda a minha infância, havia dois tipos básicos de leitura lá em casa: a compulsória e a livre, esta última dividida em dois subtipos – a livre propriamente dita e a incerta. A compulsória variava conforme a disposição de meu pai. Havia a leitura em voz alta de poemas, trechos de peças de teatro e discursos clássicos, em que nossa dicção e entonação eram invariavelmente descritas como o pior desgosto que ele tinha na vida. Líamos Homero, Camões, Horácio, Jorge de Lima, Sófocles, Shakespeare, Euclides da Cunha, dezenas de outros. Muitas vezes não entendíamos nada do que líamos, mas gostávamos daquelas palavras sonoras, daqueles conflitos estranhos entre gente de nomes exóticos, e da expressão comovida de minha mãe, com pena de Antígona e torcendo por Heitor na *Iliada*. Depois de cada leitura, meu pai fazia sua palestra de rotina sobre nossa ignorância e, andando para cima e para baixo de pijama na varanda, dava uma aula grandiloqüente sobre o assunto da leitura, ou sobre o autor do texto, aula esta a que os vizinhos muitas vezes vinham assistir. Também tínhamos os resumos – escritos ou orais – das leituras, as cópias (começadas quando ele, com grande escândalo, descobriu que eu não entendia direito o ponto-e-vírgula e me obrigou a copiar sermões do Padre Antônio Vieira, para aprender a usar o ponto-e-vírgula) e os trechos a decorar. No que certamente é um mistério para os psicanalistas, até hoje não só os sermões de Vieira como muitos desses autores forçados pela goela abaixo estão entre minhas leituras favoritas. (Em compensação, continuo ruim de ponto-e-vírgula.)

Mas o bom mesmo era a leitura livre, inclusive porque oferecia seus perigos. Meu pai usava uma técnica maquiavélica para me convencer a me interessar por certas leituras. A circulação entre os livros permanecia absolutamente livre, mas, de vez em quando, ele brandia um volume no ar e anunciava com veemência:

– Este não pode! Este está proibido! Arranco as orelhas do primeiro que chegar perto deste daqui!

O problema era que não só ele deixava o livro proibido bem à vista, no mesmo lugar de onde o tirara subitamente, como às vezes a proibição era para valer. A incerteza era inevitável e então tínhamos momentos de suspense arrasador (meu pai nunca arrancou as orelhas de ninguém, mas todo mundo achava que, se fosse por *uma questão de princípios, ele arrancaria*), nos quais lemos *Nossa vida sexual* do Dr. Fritz Kahn, *Romeu e Julieta*, *O Livro de San Michele*, *Crônica escandalosa dos Doze Césares*, *Salambô*, *O crime do Padre Amaro* – enfim, dezenas de títulos de uma coleção estapafúrdia, cujo único ponto em comum era o medo de passarmos o resto da vida sem orelhas – e hoje penso que li tudo o que ele queria disfarçadamente que eu lesse, embora à custa de sobressaltos e suores frios.

Na área proibida, não pode deixar de ser feita uma menção aos pais de meu pai, meus avós João e Amália. João era português, leitor anticlerical de Guerra Junqueiro e não levava o filho muito a sério intelectualmente, porque os livros que meu pai escrevia eram finos e não ficavam em pé sozinhos. “Isto é merda”, dizia ele, sopesando com desdém uma das monografias jurídicas de meu pai. “Estas tripinhas que não se sustentam em pé não são livros, são uns folhetos.” Já minha avó tinha mais respeito pela produção de meu pai, mas achava que, de tanto estudar altas ciências, ele havia ficado um pouco abobalhado, não entendia nada da vida. Isto foi muito bom para a expansão dos meus horizontes culturais, porque ela não só lia como deixava que eu lesse tudo o que ele não deixava, inclusive revistas policiais oficialmente proibidas para menores. Nas férias escolares, ela ia me buscar para que eu as passasse com ela, e meu pai ficava preocupado.

– D. Amália – dizia ele, tratando-a com cerimônia na esperança de que ela se imbuísse da necessidade de atendê-lo —, o menino vai com a senhora, mas sob uma condição. A senhora não vai deixar que ele fique o dia inteiro deitado, cercado de bolachinhas e docinhos e lendo essas coisas que a senhora lê.

– Senhor doutor – respondia minha avó –, sou avó deste menino e tua mãe. Se te criei mal, Deus me perdoe, foi a inexperiência da juventude. Mas este cá ainda pode ser salvo e não vou deixar que tuas maluquices o infelicitem. Levo o menino sem condição nenhuma e, se insistes, digo-te muito bem o que podes fazer com tuas condições e vê lá se não me



respondes, que hoje acordei com a ciática e não vejo a hora de deitar a sombrinha ao lombo de um que se atreva a chatear-me. Passar bem, Senhor doutor.

E assim eu ia para a casa de minha avó Amália, onde ela comentava mais uma vez com meu avô como o filho estudara demais e ficara abestalhado para a vida, e meu avô, que queria que ela saísse para poder beber em paz a cerveja que o médico proibira, tirava um bolo de dinheiro do bolso e nos mandava comprar umas coisitas de ler — Amália tinha razão, se o menino queria ler que lesse, não havia mal nas leituras, havia em certos leitores. E então saíamos gloriosamente, minha avó e eu, para a maior banca de revistas da cidade, que ficava num parque perto da casa dela e cujo dono já estava acostumado àquela dupla excêntrica. Nós íamos chegando e ele perguntava:

– Uma de cada?

– Uma de cada – confirmava minha avó, passando a superintender, com os olhos brilhando, a colheita de um exemplar de cada revista, proibida ou não-proibida, que ia formar uma montanha colorida deslumbrante, num carrinho de mão que talvez o homem tivesse comprado para atender a fregueses como nós. — Mande levar. E agora aos livros!

Depois da banca, naturalmente, vinham os livros. Ela acompanhava certas coleções, histórias de “Raffles, Arsène Lupin”, Ponson du Terrail, Sir Walter Scott, Edgar Wallace, Michel Zevaco, Emilio Salgari, os Dumas e mais uma porção de outros, em edições de sobrecapas extravagantemente coloridas que me deixavam quase sem fôlego. Na livraria, ela não só se servia dos últimos lançamentos de seus favoritos, como se dirigia imperiosamente à seção de literatura para jovens e escolhia livros para mim, geralmente sem ouvir minha opinião — e foi assim que li Karl May, Edgar Rice Burroughs, Robert Louis Stevenson, Swift e tantos mais, num sofá enorme, soterrado por revistas, livros e latas de docinhos e bolachinhas, sem querer fazer mais nada, absolutamente nada, neste mundo encantado. De vez em quando, minha avó e eu mantínhamos tertúlias literárias na sala, comentando nossos vilões favoritos e nosso herói predileto, o Conde de Monte Cristo — Edmond Dantès! — como dizia ela, fremindo num gesto dramático. E meu avô, bebendo cerveja escondido lá dentro, dizia “ai, ai, esses dois se acham letrados, mas nunca leram o Guerra Junqueiro”.

De volta à casa de meus pais, depois das férias, o problema das leituras compulsórias às vezes se agravava, porque meu pai, na certeza (embora nunca desse ousadia de me perguntar), de que minha avó me tinha dado para ler tudo o que ele proibia, entrava numa programação delirante, destinada a limpar os efeitos deletérios das revistas policiais. Sei que parece mentira e não me aborreço com quem não acreditar (quem conheceu meu pai acredita), mas a verdade é que, aos doze anos, eu já tinha lido, com efeitos às vezes surpreendentes, a maior parte da obra traduzida de Shakespeare, *O elogio da loucura*, *As décadas* de Tito Lívio, *D. Quixote* (uma das ilustrações de Gustave Doré, mostrando monstros e personagens saindo dos livros de cavalaria do fidalgo me fez mal, porque eu passei a ver as mesmas coisas saindo dos livros da casa), adaptações especiais do *Fausto* e da *Divina comédia*, a *Iliada*, a *Odisséia*, vários ensaios de Montaigne, Poe, Alexandre Herculano, José de Alencar, Machado de Assis, Monteiro Lobato, Dickens, Dostoievski, Suetônio, os *Exercícios espirituais* de Santo Inácio de Loyola e mais não sei quantos outros clássicos, muitos deles resumidos, discutidos ou simplesmente lembrados em conversas inflamadas, dos quais nunca me esqueço e a maior parte dos quais faz parte íntima de minha vida.

Fico pensando nisso e me pergunto: não estou imaginando coisas, tudo isso poderia ter realmente acontecido? Terei tido uma infância normal? Acho que sim, também joguei bola, tomei banho nu no rio, subi em árvores e acreditei em Papai Noel. Os livros eram uma brincadeira como outra qualquer, embora certamente a melhor de todas. Quando tenho saudades da infância, as saudades são daquele universo que nunca volta, dos meus olhos de criança vendo tanto que se entonteciam, dos cheiros dos livros velhos, da navegação infinita pela palavra, de meu pai, de meus avós, do velho casarão mágico de Aracaju.

